

convergência

MARÇO • 1994 • ANO XXIX N° 270

Vida Religiosa e Pastoral

Familiar — Fr. Antonio Moser, OFM

A Vida Religiosa e a Sociedade

Moderna Urbana — Pe. J. L. Libânio, SJ



convergência

CRB
40
anos

SUMÁRIO

EDITORIAL

"E A FAMÍLIA, COMO VAI?" 65
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

CRB FAZ 40 ANOS (1954-1994) 67
Diretoria Nacional da CRB

INFORME CRB 68

VIDA RELIGIOSA E PASTORAL FAMILIAR 79
Dr. Frei Antônio Moser, OFM

A VIDA RELIGIOSA E A
SOCIEDADE MODERNA URBANA 86
Pe. J. B. Libânio, SJ

VIDA RELIGIOSA E
INSTITUIÇÕES DE SAÚDE 96
Pe. Leo Pessini

QUE FAMÍLIA PARA NOSSOS TEMPOS? 103
Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM

ARRISCAR NA FÉ POR UM MUNDO MAIS
JUSTO E HUMANO 112
Pe. Paul M. Zulehner

MODERNIDADE E DIGNIDADE HUMANA 124
Frei Silvestre Gialdi, OFM

NOSSA CAPA

Detalhe do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, dos artistas populares Anderson Souza Pereira, MSC e Elda Broilo, SC. Após a restauração da Vida Religiosa, mediante vigoroso transplante de Congregações antigas e recentes da Europa para o Brasil, nasce uma nova caminhada. A criação da CRB, em 1954, preparou a Vida Religiosa para a marcha a que a Igreja se propõe na América Latina, nesta nova fase: participação do povo, ênfase em nossa realidade e olhos no Vaticano II, Medellín, Puebla, Direitos Humanos, Evangelii Nuntiandi... Religiosos (mulheres e homens) se misturam ao povo caminhando na mesma direção.

ASSINATURA PARA 1994:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea US\$ 25,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea US\$ 85,00

Número avulso (Brasil) US\$ 2,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Edênio Valle, SVD

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Pe. Atico Fassini, MS

Ir. Lina Boff, SMR

Fr. Luis Fernando Peixoto, OFM

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar

Cinelandia — Tel.: (021) 240-7299

20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

"E A FAMÍLIA, COMO VAI?"

Pe. Spéncer Custódio Filho, SJ

Há cerca de 20 anos, o autor inglês, David Cooper, anunciava em um de seus livros a morte da família. Hoje já somos mais modestos em nossas previsões de futuro, e os autores preferem falar da família que muda, que se ajusta à espiral da história, sendo uma das instituições que mais se ressentem no seu ser com os embates do tempo.

Esta última década do século XX é particularmente significativa, pois parece que tudo necessita ser submetido a revisão. A crítica é, talvez, a atitude mais em moda neste período: o antigo se faz tabu, o novo se converte em ídolo. Nesse quadro localizam-se as mudanças que têm afetado de modo especial o modelo tradicional de família.

Em primeiro lugar, passou-se de uma família de tipo autoritário para uma de tipo democrático, desencadeando, entre outras, a crise da figura paterna, desprestigiada. O movimento feminista moderno permitiu à mulher reivindicar os direitos que o androcentrismo lhe havia impedido. Simultaneamente os jovens, com sua ânsia de autonomia, reclamam o diálogo, tomando de surpresa o pai de família que não estava preparado para enfrentar esta situação de conflito.

Uma segunda mudança forte foi a passagem de um tipo único de família (a patriarcal) para uma situação de diversidade de modelos de família segundo os sociólo-

gos: família (monógama e numerosa), família nuclear (pai, mãe e poucos filhos), mãe solteira, viúvo/a casado/a de novo, divorciados casados de novo, uniões consensuais, família monoparental, casais sem filhos, etc. Pensando nos resultados da experimentação biogenética moderna com novas formas de reprodução humana não é difícil imaginar um elenco ainda mais amplo de formas familiares.

Finalmente, a mudança de um quadro cultural onde imperava o único, o absoluto, o total, o idêntico, o imutável, para uma nova formulação que valoriza o relativo, o divisível, o parcial, o diferente, o mutável, situada no plano do sentido dinâmico da história, que é justamente o processo da criação.

Estas mudanças provocam necessariamente um "novo estilo" de família que a Igreja (cf. a exortação apostólica da João Paulo II "Familiaris Consortio" de 1981) e a vida religiosa de forma muito especial devem ter presentes nas suas opções missionárias. Uma nova evangelização dentro da pastoral do núcleo familiar deverá contribuir para que este se situe no contexto da cultura emergente através de uma tríplice tomada de consciência. Em primeiro lugar, "ser pessoa em relação". A filosofia tradicional definia o ser humano como alguém independente em si mesmo, falando de sua sociabilidade mais pela necessidade do outro, ou ainda pela racionalidade. O que se busca agora é uma família como centro de comunhão e participação

onde a centralidade do amor se manifesta na relação aberta com o outro/a em reciprocidade, superando todas as formas de superioridade/inferioridade, todo tipo de relação funcional, aflorando a dignidade de cada pessoa, seus direitos, suas possibilidades, sua capacidade de responsabilidade.

Tradicionalmente se acentuou na teologia católica o aspecto procriativo do matrimônio, particularmente por influência de Agostinho. Nos tempos atuais o que parece decisivo na procriação é o amor humano que tenha caráter unitivo e procriativo. Daí a exigência de uma pastoral que anime a autonomia intersubjetiva que conjugue a autonomia do eu/tu tendo em vista a criação de um *nós*, bem como a existência de estruturas políticas e socioeconômicas que favoreçam um clima propício para que os casais possam fazer uma opção feliz pela vida. A visão teológica moderna da família como imagem e reflexo da Trindade, comunidade de amor e de vida, tem papel fundamental nesta compreensão.

Uma terceira nota da pastoral da família num mundo de modernidade é ser ela uma *comunidade de serviço*. No momento presente a família aparece reduzida ao campo da vida privada dos indivíduos, o que ocasiona sérios danos à comunidade conjugal e familiar. Enquanto primeiro lugar de *humanização e personalização* nela se gesta a abertura à grande comunidade humana, civil ou eclesial, prolongando na grande comunidade humana os quatro rostos do amor de que falava o documento de Puebla: a conjugalidade, a paternidade/maternidade, a filiação e a fraternidade.

Todos estes temas se abrem à nossa reflexão a partir do tema da CAMPANHA DA FRATERNIDADE deste ano, tendo em

vista uma nova retomada da pastoral familiar nos diferentes lugares onde nos situamos. Por isso CONVERGÊNCIA destaca já em suas páginas iniciais a declaração final do Encontro dos Presidentes das Comissões Episcopais da América Latina para a Família. Fr. Moser, por seu turno, destaca de modo preciso a relação entre "Vida Religiosa e Pastoral Familiar", a partir da interrogação de qual experiência familiar vivida podemos nós religiosos contribuir nesta Campanha, já que deixamos pai e mãe... Em seu novo artigo, "A Vida Religiosa e a Sociedade Moderna Urbana", Pe. Libanio nos apresenta o quadro onde vivem as famílias com as quais a maioria de nós tem contato e onde quase 70% da população brasileira já vive: a cidade. Por seu turno, o Pe. Leo Pessini, camiliano e capelão do Hospital das Clínicas em São Paulo, coloca-nos em um lugar de missão onde inúmeras famílias sofrem seus choques mais severos: as instituições de saúde, particularmente aquelas dirigidas por religiosos/as. Finalmente Fr. Almir Guimarães, ligado à área da Pastoral Familiar, põe-nos em contato mais próximo com o tema da Campanha da Fraternidade.

Integrar muito do seu esforço missionário em torno do eixo da família conduzirá por certo a vida religiosa a renovar o que é a célula primeira e vital da sociedade, em especial entre aqueles mais pobres e mais carentes, que não têm as mínimas condições para constituírem uma família e viverem de maneira digna sua humanidade. Estaremos assim colaborando com um novo ardor, um novo método e uma nova expressão para a redescoberta desta imagem e reflexo da Trindade Divina que é comunidade de Amor e de Vida que é a Família.

CRB FAZ 40 ANOS

1954 - 1994

Diretoria Nacional da CRB

No dia 11 de fevereiro de 1954, ao apagar das luzes do 1º Congresso dos Religiosos do Brasil, foi fundada, no Rio de Janeiro, a nossa Conferência dos Religiosos do Brasil.

Na vida de uma pessoa os 40 anos têm um significado simbólico bastante forte. Simbolizam a entrada definitiva na fase madura da existência. Na vida de instituições como a nossa os 40 anos já não têm a mesma carga psicológica e simbólica de passagem e crise. A data até poderia passar despercebida.

No entanto, nesta folha, queremos torná-la presente à Vida Religiosa do Brasil, visando dois objetivos. Primeiro, agradecer por estes 40 anos de caminhada, atravessando situações e desafios que os fundadores da CRB, naquele dia de Nossa Senhora de Lourdes, seguramente não

poderiam sequer imaginar. No epicentro desses 4 decênios de vida dentro das grandes mudanças acontecidas no mundo e em nosso país, a CRB viveu e superou a formidável transformação epocal trazida pelo Concílio. Olhando para trás, não podemos deixar de confessar, agradecidos, que a mão do Senhor nos sustentou e conduziu.

O segundo objetivo é olhar para a frente. O convite que o 40º aniversário nos apresenta é fazer de 1994, mais que um ano de recordações, um ano de recriação do projeto para o futuro. Precisamos voltar à origem do desejo de comunhão e presença que nos gerou como instituição, recolher as sementes fortes e frágeis dos anos passados e, com confiança no Deus que sustentou até aqui a nossa caminhada coletiva, renovar nosso compromisso com a missão à qual ele nos chama na situação concreta do Brasil e da Igreja de hoje.

1. ENCONTRO DOS PRESIDENTES DAS COMISSÕES EPISCOPAIS DA AMÉRICA LATINA PARA A FAMÍLIA

Declaração Final

Antes de regressar às nossas Igrejas, desejamos compartilhar algumas RECOMENDAÇÕES, como resultado do nosso trabalho.

1. Família evangelizadora

1.1 Evangelizar a família, Igreja Doméstica e santuário da vida, para que se converta em agente privilegiado da nova evangelização.

1.2 Proclamar e difundir o evangelho da vida e da família, comprometendo de maneira co-responsável todos os integrantes, especialmente os jovens, para que a partir da fé promovam e defendam esta célula básica da sociedade e da Igreja, que é a instituição familiar.

1.3 Dar orientações concretas que permitam elaborar linhas, para fazer com que os pais assumam a sua responsabilidade na evangelização e educação dos seus filhos.

2. Pastoral familiar

2.1 Promover uma pastoral familiar orgânica e de conjunto, que salvaguarde, a partir da fé e da cultura, os valores da família nos nossos países. Esta pastoral familiar orgânica deverá procurar integrar em si a ação dos movimentos que trabalham com as famílias. Seguindo as orientações da Conferência de Santo Domingo, "é necessário fazer da

pastoral familiar uma prioridade básica, sentida, real e operante" (SD 64).

2.2 A pastoral familiar deverá ser uma pastoral que anuncie a boa nova da família e da vida, e que, num mundo difícil e pluralista, se distinga por ser criativa e missionária, com plena participação dos leigos, dos próprios casais e das comunidades religiosas, especialmente daquelas cujo carisma tem relação com a família e a vida. Esta pastoral há de chegar particularmente às classes populares majoritárias.

2.3 Anunciar com coragem a verdade, para iluminar o Povo de Deus e para desmascarar a linguagem ambígua, que vai contra os valores fundamentais da família e da vida.

2.4 Capacitar e formar os leigos para que sejam agentes dinamizadores da pastoral familiar e acompanhem as famílias no seu compromisso sacramental e evangélico de unir fé e vida.

2.5 Atender a formação dos seminaristas, diocesanos e religiosos, para que tenham critérios claros e seguros e possam assim orientar convenientemente os fiéis.

2.6 A fidelidade à verdade, um claro sentido de Igreja e o bem dos fiéis exigem dos agentes pastorais uma tal comunhão de critérios, que evite que os fiéis se sintam às vezes desorientados, porque se lhes apresentam soluções diferentes das que propõe o Magistério da Igreja.

2.7 Os casais que estão nos primeiros anos da sua vida matrimonial requerem um cuidado e atenção especiais, para o fortalecimento da sua vida conjugal e familiar.

2.8 A multiplicação do número de casais e de famílias em situação irregular exige que se tenha para com eles um tratamento pastoral especial, evitando descuidá-los e deixá-los abandonados nas suas dificuldades.

3. Paternidade e maternidade responsáveis

3.1 Apresentar os métodos naturais para a regulação da fertilidade, como um estilo de vida para viver o amor dentro de uma continência periódica que, por justas causas, permite distanciar os nascimentos. Não é possível limitar-se a simples métodos, sem uma base doutrinal biológica e antropológica.

3.2 Estar atentos a esclarecer os fiéis e a denunciar o uso de métodos que se dizem contraceptivos (com a sua desordem intrínseca), mas que além disso são em boa parte dos casos, abortivos. Há uma relação interna inegável entre mentalidade anticoncepcional e abortista, tanto pelo aspecto sociológico (onde cresce a contracepção aumentam os abortos), quanto pelo subjetivo (a mentalidade contra a vida culmina na rejeição, em não poucos casos, do “nascituro”) e objetivo (há elementos químicos que impedem não a concepção mas o aninhar-se do embrião). Há uma “guerra química”.

4. Defesa e promoção da vida

4.1 Fazer uma pastoral mais positiva na defesa da vida, como dom de Deus e de direito inviolável, e na apresentação dos filhos como uma bênção de Deus.

4.2 Denunciar o egoísmo que está na atitude daqueles que preferem ter poucos filhos, para poderem assim “gozar melhor da vida”.

4.3 Ainda que as leis da maioria dos nossos países não admitam oficialmente o aborto, este crime abominável continua a ser praticado de maneira clandestina; e há campanhas que continuam a empenhar-se numa primeira aceitação sociológica, para procurar depois a sua legalização. Anunciamos com coragem a doutrina da Igreja sobre o direito à vida humana desde o momento mesmo da sua concepção. Devemos transmitir conceitos claros aos fiéis e é preciso conclamar os profissionais católicos, os presbíteros, os religiosos e o povo cristão em geral para que façam frente a este delito e impeçam o seu reconhecimento legal. Deve-se ajudar as mulheres que estão em conflito por causa desta situação, e oferecer uma atitude misericordiosa que permita adquirir, pela conversão, a paz interior àqueles que sofrem por causa deste crime.

4.4 Iluminar com a verdade e com a ajuda das ciências sociais, os resultados reais de empobrecimento moral a que chegaram os países que aceitaram os argumentos antinatalistas, difundidos pela IPPF (International Planned Parenthood Federation) e pelas suas filiais nacionais e outras instituições, sustentando que “a menos nascimentos, menos pobreza” e promovendo a “liberdade sexual ilimitada”, como direito do homem e da mulher. Não esquecer que há poderosos interesses econômicos e políticos de organismos financeiros e de laboratórios, que buscam mercados para os seus produtos anticoncepcionais e abortivos.

4.5 Expor claramente a doutrina da Igreja sobre a eutanásia, para prevenir os

cristãos contra este crime e para formar a sua mentalidade ante as crescentes correntes de opinião que estão a promovê-la.

4.6 Embora a eutanásia não seja ainda comum no nosso Continente, alertar sobre o tráfico de órgãos de que se fala, com o que se beneficiam especialmente os mais ricos. Este tráfico é indigno da comunidade humana.

4.7 Criar, ou potenciar se já existem, centros de formação de bioética que possam oferecer, aos profissionais da medicina e aos educadores, uma base científica para o desenvolvimento da sua missão, sobre temas como fecundação in vitro, anticoncepção, esterelização, diagnose pré-natal, etc., coordenados com a Santa Sé e as Conferências Episcopais, para que possam orientar as pessoas e a opinião pública e preparar documentação específica, para assessorar os legisladores ante os projetos de lei que forem apresentados.

5. Pastoral da infância

5.1 Incentivar a pastoral da infância, e coordená-la com a pastoral familiar, a catequese, a pastoral social e a pastoral da saúde.

5.2 Estimular as comunidades religiosas que se dedicam ao trabalho com as crianças, a assumirem com cada vez maiores fidelidade e entusiasmo o seu carisma.

5.3 Promover que a adoção de crianças tenha lugar com as devidas condições, que se lhes ofereça um lar digno e se evite que se converta em negócio.

5.4 Urgir que se cumpram os pactos bilaterais entre os países de origem e os países de destino, no que se refere à adoção de crianças.

6. Educação para o amor e a sexualidade

6.1 Cuidar que a pastoral familiar ofereça às pessoas uma adequada educação para a vivência do amor e da sexualidade, numa adequada visão de antropologia cristã. Esta educação é reduzida, muitas vezes, a uma simples informação, alheia a conceitos éticos e é distorcida pelos conceitos equívocos e errôneos de amor e sexualidade, que são apresentados pelos meios de comunicação social.

6.2 Conscientizar os pais de família e os educadores sobre a responsabilidade que lhes compete neste campo.

6.3 Promover a formação de verdadeiros professores, com sadio critério humano e cristão, que façam deste serviço um verdadeiro apostolado.

6.4 Elaborar e difundir manuais de educação para o amor e a sexualidade, que orientem pais e filhos, educadores e alunos, nos valores autênticos do matrimônio, da família e da vida, assim como na castidade, na paternidade e maternidade responsáveis e nos métodos naturais de regulação da fertilidade, para obter um sadio relacionamento entre o homem e a mulher, já desde a juventude.

6.5 Estar atentos para que as campanhas de prevenção da SIDA, que com o pretexto da prevenção levam muitas vezes a promover a promiscuidade sexual e a irresponsabilidade moral, sejam orientadas a promover a verdade e a mostrar qual deve ser o correto exercício da sexualidade.

7. Meios de Comunicação Social

7.1 Levar a nossa ação até aos responsáveis dos meios de comunicação social, especialmente da televisão, para que evi-

tem a deformação e se convertam em agentes de promoção dos autênticos valores familiares e do respeito à vida.

7.2 Denunciar os antivalores que se propagam através dos meios de comunicação social, especialmente os que apresentam modelos de família e estilos de vida que contradizem os valores cristãos arraigados na cultura dos nossos povos.

8. Catecismo da Família

8.1 Deve-se “formar a família para que seja sujeito responsável e qualitativo da ação evangelizadora. Um instrumento para realizar esta obra que leva os membros da família a crescer no conhecimento da fé, será o *novo Catecismo da Igreja Católica*, a partir do qual se poderá realizar mais facilmente o desejado Catecismo da Família” (João Paulo II, *Discurso ao Pontifício Conselho para a Família*, 30.01.93).

8.2 Incentivar a criação deste instrumento que será útil para conhecer as verdades fundamentais, propostas pelo Pontifício Conselho para a Família, sobre o casal, a família e a vida, que ajudará os pais no seu ministério educativo, fomentará a participação da família na oração e na vida litúrgica e promoverá a espiritualidade conjugal.

9. Ano Internacional da Família

9.1 Acolher o ano internacional da Família como momento de graça, para dar

a conhecer, de maneira corajosa, os ensinamentos da Revelação e do Magistério sobre o plano de Deus e sobre a família e a vida.

9.2 Dar a conhecer, promover e defender os direitos da família.

9.3 Dialogar seriamente com políticos e legisladores sobre o tema, para que estimulem e promovam leis que defendam a família e a vida.

9.4 Intensificar a formação de novos agentes para a pastoral familiar.

9.5 Nos nossos países, nos níveis nacional e diocesano, criaremos as Comissões para a sua preparação e realização, segundo o Plano exposto pelo Pontifício Conselho para a Família.

Compartilhamos estas inquietudes com as Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe, confiando no Senhor da Vida e na fibra moral dos nossos povos para defender o plano de Deus sobre a família e a vida, prevenir as agressões que possam atentar contra esta célula fundamental da sociedade e da Igreja.

Como um meio para tornar mais eficaz esta ação pastoral, pedimos que o CELAM na sua organização reconheça a Seção de Pastoral Familiar (SEPAF) como um Departamento, e que as Conferências Episcopais elevem a pastoral familiar a categoria de Comissão Episcopal, de acordo com as possibilidades dos seus próprios estatutos.

2. ENCONTRO NACIONAL DE FORMADORES E FORMADORAS

“EIS QUE FAÇO NOVAS TODAS AS COISAS” Ap 21,5

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce...”

Estas palavras do poeta português Fernando Pessoa expressam perfeitamente o grande acontecimento — ENCONTRO NACIONAL DE FORMADORES E

FORMADORAS — realizado em Itaici, nos dias 23 a 29 de novembro do ano passado.

O que ocorreu de fato foi um verdadeiro “casamento” entre o querer de Deus e o sonho da CRB, em cujo coração a Formação das Religiosas e dos Religiosos ocupa um lugar privilegiado.

Tudo começou com um “empurrãozinho-apelo” das(os) Junioristas do Brasil, que pediram à CRB um Encontro para seus Formadores e Formadoras. Como outrora em Nazaré, esta “anúnciação” foi ouvida e acolhida. E a pergunta — **COMO SE FARÁ?** — passou a ser o refrão provocador dos sopros do Espírito, que paira em nossa “terra”, às vezes “informe” e “vazia”.

Como se fará?

Do coração da Trindade, que prefere agir em mutirão, brotou a idéia de um **SEMINÁRIO**, a partir do tema: **VIDA RELIGIOSA: Tendências, Desafios e Esperanças**, explorando e aprofundando nos seguintes subtemas:

1. Dimensão carismática e profética da VR na Igreja e opção pelos pobres (Assessor: Irmã Ana Roy).
2. Inculturação e Culturas: tendências, desafios e esperanças (Assessor: Frei Tito Figueiroa de Medeiros).
3. Modernidade: tendências, desafios e esperanças (Assessor: Pe. Spencer Custódio Filho).

Assessor Geral: Pe. Cleto Calimam.

Organização e Coordenação: Membros do GRF Nacional.

Coordenação Geral: Ir. Silvana da Silva

Serviços de Secretaria: Irmã Conceição.

Uma vez confirmados, os assessores enviaram às Regionais textos com questões para serem discutidas e respondidas pelos GRFs locais, abordando aspectos

significativos da VR hoje, dentro dos subtemas, constituídos Módulos, nos quais deveriam se inscrever os que participariam do Encontro. A partir de reflexões e sugestões brotadas deste trabalho, novos subsídios foram enviados às Regionais, em vista de um maior aprofundamento.

O **SEMINÁRIO** já era uma realidade assumida e amada. Formadores e formadoras, agora definidos nos módulos, se organizaram em grupos de estudo, reflexão e partilha.

Tudo pronto! E agora, **COMO SE FARÁ?**

As malas foram arrumadas e as(os) Formadoras e Formadores, provindos das 18 Regionais deste Brasil afora, chegaram a Itaici, trazendo na bagagem, certamente, um misto de medo e esperança. Aí, sim! O **COMO SE FARÁ?** era uma interrogação lida no semblante de cada uma e de cada um que entrava no Auditório Rainha dos Apóstolos e contemplava o lindo painel inspirado em Ap 21,5, da autoria de Irmã Elda Broilo, feito especialmente para este Seminário. Bastava olhar para esta página aberta do Evangelho da VIDA para se sentir impulsionado pelo Espírito a “tirar as sandálias”, transpor barreiras e tornar-se propício ao plantio de Deus.

Pe. Edênio Valle, ausente por estar em Roma participando do Congresso para Superiores Gerais, transmitiu sua mensagem aos presentes por meio de vídeo. Embora um pouco atrasado por estar comprometido com o CETESP, veio representá-lo, com muita simpatia, Irmão Israel José Nery, um verdadeiro animador dos momentos de FESTA. Logo de início, Padre Cleto Calimam se encarregou de fazer a turma arregaçar as mangas e lançar-se no trabalho com empenho e seriedade.

Assessores e subgrupos se dedicaram ao aprofundamento dos subtemas (**MÓDULOS**), sob a ótica da **PESSOA, CO-**

MUNIDADE, ESPIRITUALIDADE e MISSÃO, dentro da orientação dada pelo Padre Cleto, quanto à dinâmica do trabalho nos seis dias:

- nos **módulos**, estudar o próprio tema na perspectiva dos quatro prismas de análise.
- nos **miniplenários intermodulares**, fecundar mutuamente experiências e reflexões.
- no **grande plenário**, tomar consciência coletiva da reflexão feita, criticar, enriquecer.
- na **conclusão geral** — plenário — acolher e assumir os compromissos decorrentes do esforço na preparação e realização do Encontro.

A presença do Espírito que, ante o **“COMO SE FARÁ?”** de Maria a fecundou para o decidido **FAÇA-SE!**, era fortemente sentida por todas(os). Ali se concretizava a proposta de Paulo aos seus irmãos de Éfeso: **“QUE TUA PALAVRA COMUNIQUE GRAÇA AOS QUE A OUVIREM”** (Ef 4,29b). Nas salas de trabalho, nos auditórios dos plenários, nos corredores, a graça era experienciada em cada gesto-palavra-partilha!

Por feliz coincidência, às vésperas do 1º Domingo do Advento, realizou-se o **grande plenário**, cuja finalidade era ouvir as linhas de ação produzidas em cada módulo, para enriquecê-las com questionamentos e sugestões. Foi um momento de riqueza incomparável! Para saborear todas as experiências vividas até então, fez-se um intervalo — uma tarde de oração — para, como Maria, “guardar estas coisas no coração para meditá-las” (Lc 2,51). Numa atitude de silêncio-escuta-confronto, cada um(a) se viu pequeno demais e, distante do Senhor da História, fez-se aprendiz no desafiante Ministério da Formação. Por que temer, se o Espírito e Maria são o Formador e a Formadora, e cabe a

nós apenas **fazer o que eles disserem?** “A Deus, nenhuma coisa é impossível”. Cremos nisto!

À noite, uma Vigília concluindo a tarde de oração, foi uma verdadeira **FESTA** feita de partilha, oferta, ação de graças. Aliás, a **FESTA** foi um marco constante do **SEMINÁRIO**. As **Liturgias**, a **Noite Cultural** (linda demais), com números apresentados pelas Regionais com criatividade e graciosidade (Ana Roy tem razão: A VR é mesmo **graciosa!**) a **exposição** de painéis, cartazes e símbolos representativos das várias realidades, constituíam uma amostra viva de uma **inculturação** resgatada e assumida.

Festivo foi o momento das conclusões finais. Num silêncio fecundo em que só se ouvia o grito da **VIDA**, foram lidas as **linhas de ação** de cada módulo, já enriquecidas pela colaboração de todas(os). Após algumas manifestações do plenário, Assessora, Assessores e Coordenadores deram sua palavra final de encorajamento e incentivo, confiando aos presentes a **importante tarefa do REPASSE DO SEMINÁRIO** às Religiosas e Religiosos nas Regionais. Finalizamos com a **FESTA MAIOR**, à **EUCARISTIA** na qual se “batizou” o mais novo grupo da CRB: o **“FORMINTER”**, cuja finalidade é assegurar a Formação Permanente dos Formadores e Formadoras. Enfim, a unção e o envio de cada um e cada uma à sua realidade: “Vai! O que tens dentro de ti, confia aos teus irmãos e irmãs!” É a Boa Nova, semente fecunda que precisa ser lançada à terra para fazer germinar o **broto novo** que fará da VR sinal da aliança do Deus-VIDA com a vida humana, tantas vezes negada e oprimida.

Qual Zacarias que celebrava a visita de Javé na **novidade** nascida das entranhas estéreis de Izabel, do coração de todos brotava um canto de gratidão e reconhecimento:

c o n v e r s i o e s e n c i a

Bendita seja a CRB que, em sua audácia, captou o querer de Deus, sonhou este sonho lindo e fez nascer esta “obra” maravilhosa em nós!

Eis que faço nova todas as coisas!

NOVA é a bagagem que levamos, fruto da pedagogia de Deus que sempre edifica sobre nossas ruínas, criando nelas espaços de acolhida ao **NOVO**!

NOVA é a convicção de que podemos nos ajudar mutuamente, unir forças, e viver o dinamismo da **partilha-comunhão** na riqueza própria da intercongregacionalidade.

Somos terra!
Somos barro!
Javé é o grande Oleiro.

Hoje, plenamente confiantes, colocamo-nos em suas mãos como talhas vazias para que ele possa derramar em nós o vinho novo:

- Da acolhida aos desafios e riquezas da Modernidade.
- Do resgate de nossas **culturas** e do cultivo das raízes das(os) jovens que pretendem assumir conosco esta proposta de vida-doação-serviço-festa!
- Da consciência de que o **profetismo** da VR se concretiza numa atitude gratuita de quem é capaz descer aos porões da humanidade, acolher seu pranto calado dedicar-se ao ministério da Consolação.

Sempre **NOVO** é o Deus da **VIDA**, capaz de “nos tornar fecundos na terra de nossa aflição” (Gn 41,52).

3. RELIGIOSAS BRASILEIRAS NO HAITI

Um pouco de história para melhor compreender

Poucos países têm sido tão marcados pela cicatriz da miséria e da repressão política quanto o Haiti, que divide com a República Dominicana, uma das maiores ilhas do Caribe. Desde 1957, o país — uma ex-colônia francesa — passou a ser controlado por François Duvalier, o “Papa” Doc, que instituiu um regime de terror baseado no vudu e nas forças repressivas conhecidas como tonton-macoutes. Com a morte de François, em 1971, assumiu o poder o filho, Jean-Claude Duvalier (“Baby” Doc), que manteve o sistema autoritário, baseado no nepotismo e na corrupção, montado por seu pai.

Apesar da brutal repressão, as manifestações populares contra o regime foram crescendo e angariando cada vez mais

apoio internacional. Em fevereiro de 1986, em meio a uma onda de protestos e paralisações em todo o país, Jean-Claude fugiu para o exterior num avião da força aérea norte-americana.

O Conselho Nacional de Governo, presidido pelo general Namphy (até então chefe do estado-maior das forças armadas), que assumiu provisoriamente o poder, prometeu eleições “livres e diretas” para o final de 1987. As eleições se realizariam em novembro daquele ano, mas foram anuladas devido à ação de tonton-macoutes e elementos do exército, que invadiram os postos de votação, assassinaram e feriram dezenas de pessoas.

A convocação de novas eleições, em janeiro de 1988, foi boicotada pela oposição e marcada pelo alto índice de abstenção. O presidente eleito, Leslie Maniga,

um civil, tomou posse em fevereiro daquele ano e, em 17 de junho, afastou o general Namphy do cargo de chefe das forças armadas. Menos de 72 horas depois, foi derrubado pelo próprio Namphy.

Em 18 de setembro de 1988, um novo golpe militar levou ao poder o general Prosper Avril, chefe da Guarda Presidencial, num movimento promovido por sargentos e suboficiais do exército.

O povo nunca pôde organizar-se no período de um ano e meio. O Haiti foi empobrecendo cada vez mais e em meio a constantes desordens. Em fevereiro de 1990 os militares mataram brutalmente alguns jovens, aumentando assim, a cólera popular e Prosper Avril é obrigado a deixar o país. Quem assumiu o poder foi Hertha Pascal Trouillot, então juíza e membro do Tribunal Superior de Justiça. Foi no seu período que a luta e organização por eleições começou mais forte. Ela, de certa forma contribuiu para que as eleições fossem possíveis, mas foi a força popular que teve este mérito.

Inúmeros golpes de Estado

Até hoje, o Haiti é um tipo de Estado que sempre funcionou contra o interesse público. A maioria da população foi sempre marginalizada. É como se no Haiti, por razões históricas, o Estado fosse constituído contra a nação.

Um pequeno grupo, a burguesia reinante aliada a altos comandos militares e seus oficiais, enriqueceram escandalosamente à custa da miséria e exploração da maioria do povo e não admitem perder seus privilégios, provocando um Golpe de Estado atrás do outro.

Haiti hoje

Como no país havia pouca tradição partidária, durante 30 anos de ditadura dos

Duvalier estiveram proibidos até os partidos burgueses tradicionais, quando em 1990, finalmente, despontava a possibilidade concreta de Eleições Livres e Democráticas, aparecia outro problema: Um grupo consciente que sempre lutou com o povo, analisando a lista dos candidatos inscritos à Presidência, perguntou-se: "Quem destes poderá defender o povo? Continuaremos deixando o país nas mãos destes assassinos? Que outro nome poderemos apresentar e que nos ajudará na reconstrução do país? "Foi a partir daí, entre muito diálogo e abertura à opinião popular, que surgiu um nome de consenso: Padre Jean Bertrand Aristide. Profeta do povo, teólogo da Libertação, homem simples e sábio, sem medo, já profundamente marcado por ameaças, perseguições e tentativas de assassinato. Inicialmente Padre Aristide não quis aceitar, dizendo não ser este seu papel, mas frente à grande insistência do povo e preocupado pela miséria agravante do mesmo, aceitou expor sua candidatura.

Até então a maioria do povo não havia feito seu título (no Haiti os títulos eleitorais são feitos antes de cada eleição), e o prazo encerrava-se em uma semana. Os postos foram obrigados a multiplicarem-se por todo o país, tamanha a procura do povo por seu título ao saber que Aristide havia aceitado candidatar-se.

Não foi necessário fazer Campanha política e nem havia tempo, para que a História registrasse o maior fenômeno conhecido no país e no mundo inteiro como "Operação LAVALAS" (enchente que transborda e leva tudo). O povo em massa acorreu às Urnas no dia 16/12/90, dando vitória ao Padre Aristide com 67% dos votos sobre todos os demais candidatos. Esta a primeira eleição livre, democrática, honesta, comprovada sua constitucionalidade por observadores da ONU/OEA de todo mundo.

Um mês antes da posse de Aristide, o grupo assassino que não havia aceito a derrota, tenta outro Golpe. A presidenta em exercício entregou o poder a um grande macout: Josef Lafontan. O povo sai à rua outra vez, exige a prisão de Lafontan e da presidenta traidora.

Aristide assume o poder popular em 07/02/91, levando mais uma vez às ruas a multidão do povo (mais de um milhão de pessoas assistiram ao vivo sua posse), extravasando a alegria e a realização de um sonho acalentado mas reprimido por tantos anos! Aristide apresentou seu Plano de Governo baseado no tripé: Justiça — Participação — Transparência. Seria lenta a Reconstrução do país, mas juntos, Povo e Governo, o processo iria realizar-se. Diziam a frase que tornou-se famosa: “Sozinhos somos fracos, juntos somos fortes, todos juntos somos uma avalanche”.

Nos sete meses de Governo do Presidente Aristide, o Haiti viveu os primeiros passos de um processo de “reconciliação” entre o Estado e a Nação. Foram os únicos meses de paz, de sabor de liberdade. O povo sentiu o governo Com e Para ele. Havia contentamento, participação, esperança, compromisso com a transformação.

Mas, a pequena casta burguesa, assassina e mafiosa, não aceitou e jamais perdoou que Aristide viesse estragar seu plano. Assim como também o Imperialismo não aceitou a idéia de um pequeno país negro que se tornou independente com suas próprias forças, pudesse colocar um Regime Democrático. O Imperialismo não quer que um país se desenvolva por sua conta, para servir de exemplo, motivando, assim, outros países pobres levantarem sua cabeça.

Assim, que os assassinos deram o último, maior, mais sangrento, odioso e violento golpe de Estado que depôs o Presidente Aristide. O povo desconfiado do perigo que corria o seu presidente, tomou às ruas na tarde-noite do dia 30/09/91 para

protestar, mas acabou morrendo como mosca e juntados como animais que morrem da peste no dia seguinte. Este Golpe trouxe mais de 4 mil mortes, destruição de rádios, jornais... A repressão e a violência vieram com tanta força que o país ficou paralisado durante três meses. O povo teve que correr e esconder-se outra vez.

Aristide escapou da morte e buscou exílio no exterior. O Golpe liderado pelo General Raoul Cedras e sustentado pela cúpula burguesa reinante, não só bloqueou o movimento de transformação do Estado, como retomou todo o regime de repressão, violência e morte. Pronunciar o nome de Aristide significava/significa a morte. A verdade aqui no Haiti não pode sair da boca de quem deseje viver. Nestes dois anos e pouco (desde o Golpe até hoje), a lista dos mártires haitianos aumentou longamente. Muitos simplesmente “desapareceram”, outros morreram no mar, tentando fugir. Muitos resistiram na luta e foram mortos da forma mais brutal e violenta, quando não deixados aleijados para o resto de seus anos. Mulheres grávidas foram torturadas a ponto de abortarem dentro da prisão. Pais de família “assistiram impassíveis” sua mulher e filhas sendo estupradas pelos militares e seus capangas. Casos mais repugnantes possíveis aconteceram, como pessoas arrancadas de dentro da Igreja e mortas a tiros à vista de todos, inclusive de observadores da missão civil ONU/OEA que nada puderam ou quiseram fazer. A que justiça recorrer, se estas forças assassinas vêm do próprio governo que é o general golpista do exército, sustentado sempre pela burguesia?

A Comunidade Internacional espalhou 150 observadores, membros da ONU/OEA, que constatou horrorizada o desrespeito pela dignidade humana e o nível escandalosamente baixo de vida da população. Uma brasileira, membro da Missão civil, comentou conosco um dia: “Conheço o nordeste do Brasil e conheço a África tam-

bém, mas na minha vida nunca havia visto uma pobreza violenta como a do Haiti". Como forma de pressão aos golpistas a Comunidade Internacional impôs um pesado Embargo ao país que só veio aumentar a fome, a doença, a morte do povo, e fazer o pequeno grupo de ricos, mais ricos ainda. A falta de combustível provocada pelo Embargo fazia e faz os navios superlotarem com destino a Porto Príncipe (capital do país), causando a 16/02/93 o naufrágio do Barco Neptune, ocasionando a morte de 2.100 pessoas e um número ainda maior de crianças órfãs só da região de Jérémie.

As pressões da Comunidade Internacional aumentaram, forçando o General Cedras a discutir uma saída para a insustentável crise do Haiti. Intermediado p/ Sr. Dante Caputo, das Nações Unidas, no início de julho de 93, na Ilha dos Governadores (EUA) Cedras e Aristide (sem se enxergarem, pois Aristide disse que não poderia sentar com um assassino que tanto mal causou/causa a seu povo), assinaram o famoso Acordo que entre vários outros pontos incluía a renúncia de Cedras para o dia 15/10/93 e o retorno do Aristide para 30 de outubro de 93.

A luzinha da Esperança recomeça acender no coração do povo haitiano, embora muito timidamente, pois é um povo acostumado com mentiras e enganos e também nenhuma manifestação era/é permitida. Por incrível que pareça, nestes quatro meses de espera, a tensão, a violência e as mortes aumentaram. Foram assassinados grandes líderes do povo. O objetivo dos militares e burgueses é eliminar todas as forças vivas que ainda resistem, e que podem dar respaldo ao Aristide ou futuramente ocupar cargos no Governo do país. Com o crescimento das ameaças, prisões e mortes, cresce também o número de refugiados. Os encontros das CEBs, dos Grupos Humanos e todas as Assembléias do povo tiveram de ser suspensos. Inclusive a participação das

Igrejas diminuiu, tamanho foi o medo que os militares conseguiram espalhar.

Aristide, de onde se encontrava, escolheu seu novo Ministério e deu posse ao Primeiro Ministro no início de setembro. Instalado seu novo Ministério, no dia 14/10, é assassinado barbaramente o novo Ministro da Justiça, juntamente com o chofer e dois seguranças, todos jovens pais de família. Até os funerais destes e de outros tiveram de ser realizados em sigilo para se evitarem novos assassinatos. O povo queria acreditar no retorno do seu Presidente, mas o quadro era duro e sangrento demais para qualquer sonho. Mesmo assim, no silêncio, no esconderijo, na oração e na fé aguardavam o 30 de outubro.

O dia 15 de outubro chegou e com ele a grande amostra que algo forte no Acordo estava falhando: O general Cedras não se demitiu e declarou não deixar o país. Alegou ser haitiano, a crise ser do Haiti e portanto o Haiti deve resolvê-la. Criticou a Comunidade Internacional de intrometer-se nos problemas internos do país e disse ainda que só aceitava a mediação de uma autoridade moral, como o Papa por exemplo. Ele sabe da relação do Aristide com o Vaticano, pois Aristide é Padre da Igreja Católica.

Mas, o sonho acabou de morrer mesmo foi no dia 30 de outubro. Já na véspera, 29/10, em plena tarde de sol parecia que a Terra se desgovernava com as ruas desertas e os tiros de todas as qualidades de armas que se faziam ouvir em todas as direções. Anunciavam, assim, mais uma vez, a imponência assassina das armas, e que só eles, os poderosos e privilegiados, eram os donos da Nação. Nesta noite, de 29 para 30 de outubro, os perseguidos que ainda insistiam em permanecer nas suas próprias casas tiveram de fugir e refugiar-se no mato, como se estes, e não os outros, tivessem praticado os mais hediondos crimes.

O dia 30 de outubro amanheceu de luto para o país. O "Titide" não podia voltar e

o pipocar de tiros permaneceu por todo o dia. No sábado e no domingo continuaram as ruas e as Igrejas praticamente vazias. Vários Padres e inclusive o único Bispo-Profeta do Haiti — D. Willy Romelus - viram-se obrigados a refugiar-se (há meses) frente às graves ameaças que lhes pesavam. Infelizmente, vergonhosamente, a Igreja Católica aqui no Haiti, na voz de seus bispos (com exceção de D. Romelus) e na maioria de seus padres, é OMISSA.

Hoje, dia 3 de novembro, volta-se aos poucos a ver as pessoas na rua. Mas, nos rostos a expressão é de tristeza, decepção... Os “marcados para morrer” continuam escondidos. Alguns ainda insistem em ouvir notícias, colocando uma última chama de esperança na Comunidade Internacional, uma possível 2ª data para o retorno do “Títide”, para um respiro de paz. De vários ouvi dizer: “Só Deus pode fazer alguma coisa diante da direção que tomou a situação em nosso país”. As pessoas identificadas como “LAVALAS” (simpatizantes de Aristide), continuam sendo buscadas em suas casas principalmente à noite, e mortas em frente aos demais familiares. Existe um clima de terror em todo o povo. Isto impede toda e qualquer manifestação. Os militares e seus capangas conseguiram, com suas armas, implantar tanto medo, que as pessoas não páram para conversar na rua, e, o fazem, é em voz baixa ou através de pseudônimos. Os grupos que se encontram, mesmo que seja para rezar, fazem-o escondidos e em voz baixa também.

Assim estamos nós Irmãs brasileiras aqui. Muitas vezes sentimo-nos invadidas

por uma sensação de impotência e inutilidade. Perguntamo-nos: Além da presença, que mais fazer junto com este povo indefeso, bom, acolhedor, de fé... quando o Imperialismo faz e desfaz os governos conforme seus interesses e jamais em favor do Povo? E mesmo que estejamos juntos, solidários com as dores e esperanças dos mais sofridos, não corremos os mesmos riscos. Dizem que “os homens armados não querem complicar-se com outros países e por isso não ousam colocar a mão em estrangeiros”. Também não fugimos na hora do perigo, o que ajuda o povo a colocar confiança em nós. Compartilhando os medos e a coragem, as lutas, angústias, sofrimentos e esperanças, a gente aprende a amar este povo. E na medida que amamos, também sofremos. É realmente demais pesada a cruz do Povo Haitiano e demais longo o Caminho da Via-Sacra. Não sem razão D. Paulo Evaristo Arns escreveu: “O Haiti se tornou símbolo da América Latina crucificada”.

Não queria escrever tanto, e mesmo assim, tenho certeza que não consegui passar uma centelha do que sofrem NOS-SOS Irmãos, POVO DE DEUS aqui no HAITI.

Mas, apesar de tudo, posso afirmar que o POVO Resiste. E Espera. E Reza. E Acredita. Eles dizem: “Não. Deus não nos abandonou. Como o Povo no Deserto haveremos de chegar à TERRA PROMETIDA”.

Haiti, 3 de novembro de 1993

Ir. Rita L. Schneider

a
i
c
n
ê
g
r
e
v
n
c
o

VIDA RELIGIOSA E PASTORAL FAMILIAR

Dr. Frei Antônio Moser, OFM
Petrópolis/RJ

O que aproxima e o que distingue a 'família religiosa' das outras famílias: a família de 'sangue', a família 'paroquial', a família 'humana'? O que é característico da 'família religiosa'? A capacidade efetiva de carinho, afeição e amor é inegociável para a Vida Religiosa.

S seja pela profundidade e diversidade de seus carismas, seja pelo potencial organizativo, a VR se constitui numa apreciável força evangelizadora. Por razões de suplência, não só está à frente de numerosas paróquias e Comunidades de Fé, mas também está presente sobretudo nas "fronteiras" da Evangelização.

Pelas características da Igreja do Brasil, a VR encontrou-se muito à vontade nas Campanhas da Fraternidade anteriores: quando se trata de "fraternidade", "repartir o pão", empenhar-se na transformação da sociedade mediante a pregação e o testemunho evangélicos, é com ela mesmo. Entretanto, como poderá a VR situar-se diante de um tema — Família — que, ao

menos à primeira vista, não parece ser muito nosso?

Este certamente o caso da atual Campanha referente à Família. Até que, com certa facilidade, podemos contribuir no diagnóstico, sobre "para onde vai a família". Também pode ser relativamente fácil a fundamentação teológica da vida conjugal e familiar. Afinal temos acesso às conhecidas fontes. Também não seria tão difícil apresentar algumas linhas teóricas de ação: temos capacidade intelectual para isto. Mas... em que poderá colaborar a VR quando se trata de "Pastoral Familiar", já que "deixamos pai e mãe...", afastando-nos até dos nossos próprios familiares? Que experiência familiar vivida poderemos apresentar para contribuir nesta Campanha? Eis a questão.

Parece-me que nossa contribuição poderá ser, ao menos em duas direções: encarnando uma compreensão bem evangélica de família e atuando eficazmente pela sua própria "inexperiência" familiar.

1. A VR ENCARNA UMA COMPREENSÃO BEM EVANGÉLICA DE FAMÍLIA

O termo "família", como tantos outros, não é unívoco. Pode ser usado em muitas acepções diferentes. Assim, pode-se, com propriedade, falar de família "de sangue", família "paroquial" e família "religiosa", família "humana". Por isso mesmo, não causa surpresa o fato de a VR ser per-

passada de uma linguagem "familiar". Não poucas Congregações femininas, por exemplo, denominam sua fundadora de "mãezinha". Com freqüência se comparam as funções do "superior" com as de um pai, e da "superiora" com as de uma mãe. E todos se tratam de "irmãos" e "irmãs". Mas qual é o significado exato destas palavras? A questão sobre o significado desta linguagem familiar serve como ponto de partida para se perceber melhor o que se aproxima e o que distingue os vários tipos de "famílias". Sobretudo, o que caracteriza a "família religiosa".

1.1. Os laços de sangue

Seria completamente fora de propósito, em nome de um ideal de VR, sustentar a tese de que os laços de sangue, e tudo o que eles comportam, sejam alheios, ou até contrários ao ideal do seguimento de Cristo. Afinal de contas, é preciso ter claro, desde o início, que foi o próprio Deus quem nos quis nascendo e nos desenvolvendo no seio de uma família de sangue. Esse deveria ser o berço da nossa fé e da estruturação da nossa personalidade. O caminho normal da integração afetiva passa por este canal. É na família de sangue que, normalmente, se fazem as primeiras e mais decisivas experiências do Amor. É na família de sangue que iniciamos o aprendizado para a difícil convivência com os outros. É na família de sangue que normalmente se encontra o húmus da construção de uma personalidade saudável. Por isto mesmo, é exatamente quando se percebem os estragos causados pela sempre mais freqüente desagregação familiar, que importa valorizar estes laços de sangue.

1.2. Os laços da fé

Contudo, se não quisermos ficar a meio caminho, deveremos logo acrescentar algo a esta apologia dos laços de sangue: eles não são os únicos, nem os mais decisivos.

Por isto mesmo não podem ser absolutizados. A família de sangue é importante, mas como **mediação**. Isto é muito, mas não é tudo. Caso contrário, nós que renunciamos a tudo, inclusive ao direito de constituir uma família e de ter filhos e filhas, seríamos uma espécie de contra-sinal. Infelizmente é o que não pouca gente pensa. Ademais, se formos na linha de uma absolutização dos laços de sangue deveríamos imediatamente concluir que os milhões dos sem-família não teriam grandes chances de realização.

É nesta altura que entra o segundo componente de uma compreensão evangélica da família: aquele que vai além dos laços de sangue. Na verdade se poderia falar no plural, uma vez que são muitos laços de vão além dos de sangue. Basta pensar, por exemplo, nos laços estabelecidos pelas raças, pelas culturas, pela pátria, pela amizade. Mas neste contexto convém centrar-se mais nos que se estabelecem em maior profundidade, que são os **laços da fé**. Com isto se percebe, de imediato, que o ideal "familiar" que Deus inscreveu nos corações humanos não se limita nem aos cônjuges, nem aos irmãos de sangue. Vai muito além. Quando se fala em "laços da fé", se percebe algo de mais decisivo: o ideal "familiar" só estará se concretizando verdadeiramente, na medida em que se transcendem os laços de sangue, como o próprio Jesus pregou e viveu.

Aqui surge em primeira linha um dos sentidos fundamentais da vida em Igreja: ela deve despertar a humanidade para outras dimensões "familiares". A vida em Igreja se constitui num passo em frente no ideal familiar, já que nela se consideram **irmãos e irmãs**, em primeiro lugar os que abraçam a mesma fé. Na vida eclesial o que conta não é o parentesco, mas exatamente o vínculo que se estabelece numa perspectiva de fé e mesmo ideal básico abraçado por todos. E poderíamos dizer mais: já que todos os seres humanos reme-

tem para uma mesma paternidade originária, numa perspectiva de fé absolutamente todos são vistos como irmãos e irmãs, como membros da grande família de Deus. E se quiséssemos radicalizar mais ainda o raciocínio, deveríamos dizer que todos os seres criados compõem uma grande "fraternidade" e uma grande "sororidade": tudo remete para o Pai comum.

1.3. A família religiosa

Por mais próxima do ideal que se situe uma comunidade de fé, todos sendo "um só coração e uma só alma", aqui dificilmente se darão uma partilha e uma comunhão de bens como aquelas buscadas pela VR. Ninguém irá esperar que uma comunidade de fé, no sentido usual do termo, irá viver um nível de consagração como o das comunidades religiosas: despojamento total dos bens, despojamento de si mesmo, consagração total de todo o seu ser, para adquirir plena liberdade evangélica.

Nesta altura devemos nos perguntar: mas afinal, o que aproxima e o que distingue a família religiosa das outras famílias? A pergunta tem razão de ser, principalmente porque há toda uma linguagem comum, e que no entanto não deixa de ser equívoca. Com certeza as comparações de que os "superiores" ou "coordenadores" das comunidades religiosas devam ser como que "pais" e "mães", não são mais felizes. Por vezes podem caracterizar até uma imaturidade afetiva. O que caracteriza a vida adulta é justamente a capacidade de cortar o cordão umbilical. E isto mesmo no nível mais imediato de família: o novo casal só terá condições favoráveis para cumprir a missão mais fundamental de se transformar "numa só carne", na medida em que "deixar pai e mãe", e partir para formar um novo núcleo.

Em se tratando da VR este corte do cordão umbilical se faz tanto mais necessário. Com certeza a ruptura com "os la-

ços de sangue" nem sempre será fácil, particularmente para a nova geração. É bem conhecido o sentimentalismo que caracteriza nossa cultura, e certas camadas populares. Mas, indiscutivelmente, este corte deve ser elencado entre as rupturas exigidas pelo seguimento radical do Cristo. É só nesta pressuposição que os religiosos e religiosas se tornam verdadeiramente "disponíveis" para o que der e vier. É só nesta pressuposição que o ideal de uma verdadeira fraternidade universal começa a aparecer como realidade.

Contudo, esta ruptura exigida para uma VR coerente, não pode ficar apenas no nível dos laços de sangue. Ela é muito mais radical: ela deverá chegar até a **ruptura com substitutivos** que facilmente se apresentam no contexto da VR. E é aqui que aparece algo de específico. Quem abraça a VR abraça também o desafio de romper com todo outro tipo de "amarras" que se estabelecem pela simples **transferência** afetiva.

Claro que os religiosos e religiosas deverão cultivar a amizade entre si e mesmo fora do seu círculo. Claro que deverão revelar uma capacidade efetiva de carinho, afeição, amor. O "vede como se amam" é inegociável para a VR. Caso contrário não seríamos bem sinais, mas até contra-sinais, em termos do grande mandamento.

Contudo, uma primeira diferença consiste na **razão profunda** que orienta nosso amor. Não amamos, não somos carinhosos, não nos afeioamos porque estas pessoas nos atraem, nos são simpáticas. Amamos porque, pela radicalidade do Evangelho, aprendemos a olhar a todos e tudo **com os olhos de Deus**. É uma nova chave de leitura que se estabelece. É uma **nova criatura** que surge através de uma longa e penosa caminhada. Os vínculos de amor que se estabelecem aqui passam forçosamente pela experiência do leproso, de São Francisco. E também pela experiência de

Jesus Cristo crucificado. É só quem é capaz de renunciar a tudo e a si mesmo que é capaz de abraçar de modo novo a tudo e a todos.

No raciocínio anterior, sobre as razões que comandam nossos amores, já estão implícitas ao menos duas outras características que devem marcar a “família religiosa”: **a quem amamos e o como amamos.** “Se amardes os que vos amam”... ou se amamos como “o mundo” ama... certamente não encarnamos uma compreensão verdadeiramente bem evangélica de família. O que se pode esperar é que a VR **sinalize** como possível o caminhar na direção que, à primeira vista se apresenta como uma utopia irrealizável: que sobre um novo amor se construa uma nova sociedade e uma nova humanidade. Assim, “Deus que é família”, pode revelar toda a profundidade e extensão do seu projeto familiar.

2. A POSSÍVEL EFICÁCIA DA “INEXPERIÊNCIA” FAMILIAR DA VR

Uma das características da modernidade é, certamente, a eficácia. E a eficácia normalmente requer experiência. É por isto que o primeiro emprego se torna sempre muito difícil. Também em termos pastorais queremos eficácia e experiência. Ninguém quer se deparar com um conferencista, um professor, um padre “inexperiente”.

Como também é muito relativa a “experiência”. Sobretudo no campo conjugal e familiar a experiência parece ser condição indispensável. Casamento sem experiência prévia estaria condenado ao fracasso. A juventude se apressa em tirar suas conclusões. Os casais, por sua vez, logo se armam contra agentes de pastoral que não sejam casados. Sobretudo se forem padres, religiosos e religiosas. São inexperientes.

Por extensão também se pressupõem que a Pastoral Familiar só pode ser conduzida por casados.

2.1. As soluções dos experientes e dos inexperientes

Sem querer diminuir a competência de muitos casais e a incompetência de muitos celibatários, convém examinar isto mais de perto. Caso contrário teríamos de tirar certas conclusões muito pouco plausíveis: só entende de câncer, quem é canceroso; só mulher pode ser ginecologista; só astronautas entendem de viagens espaciais; só homens e mulheres “da vida” seriam competentes em matéria de sexualidade e relacionamento homem-mulher. Já se vê que com este tipo de raciocínio não podemos ir muito longe. Estabelecem-se pré-compreensões, que viram chavões, mas não correspondem nem à verdade dos fatos, nem à verdade haurida à luz do Evangelho.

Talvez aqui seja oportuno recordar a etimologia da palavra “experiente”: ex-perientia é uma qualidade obtida por quem sai de si mesmo (ex), dá muitas voltas na vida (peri) e assim adquire uma sabedoria (scientia), capacidade de vivenciar profundamente as diversas realidades. A experiência tem portanto algo a ver com “sabedoria”. Mas ao evocarmos este termo logo nos lembramos daquela passagem do Evangelho em que Cristo bendiz o Pai por ter revelado “essas coisas” aos pequeninos. Há muito sábio que não é erudito e há muito erudito que não é sábio. De modo semelhante se deveria dizer que há muito “experiente” que não penetra profundamente nas realidades e há “inexperientes” que percebem o que acontecem no nível mais profundo.

Assim, ressalvado o que foi dito acima sobre a competência de muitos casais, que brota de uma perspectiva de fé vivida ou de um amor profundo, é preciso dizer com todas as letras que nos campos da se-

82
c
o
n
v
e
r
s
ã
o
e
x
p
e
r
i
e
n
c
i
a

xualidade, do casamento, e da família há muita gente que “dá muitas voltas” mas sem sabedoria. Pelo contrário: através de uma visão biologista e superficial da sexualidade, do matrimônio e da fecundidade, não se faz sábia, mas cada vez mais ignorante. É a sabedoria deste “mundo”, ou seja, mundo sexista, materialista, ideologicamente carregado. O estar mergulhado numa realidade nem sempre é o melhor ponto para observá-la e tirar conclusões adequadas. Por vezes é até bom ter uma certa distância para ver o conjunto.

2.2. As vantagens de não ser casado

Com isto já podemos começar a entrever que o fato de não ser casado, além das inegáveis limitações, oferece vantagens. Como, ao falarmos de casamento e família nos encontramos em cheio no campo da afetividade, talvez convém partir deste ângulo.

Sabidamente o contexto matrimonial e familiar é um contexto onde as “paixões”, no sentido originário da palavra (sentir), são mais acesas. Esta super-sensibilidade afetiva, provocada por um “envolvimento” direto, por vezes, cega as pessoas e lhes tira qualquer capacidade de uma análise mais objetiva. Por isso mesmo é tão difícil o trabalho visando à reconciliação de um casal machucado por atritos de uma profundidade nem sempre perceptível, de imediato. Basta pensar também no como muitos casais, mesmo cristãos, se negam a analisar mais de perto, por exemplo, o posicionamento da Igreja em termos de planejamento familiar, esterelização, divórcio... Quem está numa situação desconfortável dificilmente vai admitir, por si mesmo, que possa ser obrigado a mudar sua compreensão e seu modo de agir. É a defesa em causa própria.

Em termos de comparação entre vantagens e desvantagens de ser ou não casado,

há ainda um segundo aspecto que convém lembrar. É a visão de mundo. Muitas das nossas idéias e atitudes remetem para esta “Weltanschauung”. Todo ser humano, de um modo ou de outro, acaba adquirindo esta visão totalizante. Mas, muitas vezes esta visão, por mais paradoxal que isto soe, é muito pequena. O próprio ato de vivermos num mundo que exige sempre maior especialização facilmente reduz esta visão que deveria ser totalizante.

Se se tomar como termo de comparação a figura do médico, num passado muito distante, o clínico geral apresentava uma tal visão. Hoje o clínico geral é visto com desconfiança: entende de tudo e de nada. Algo de parecido se pode dizer com respeito ao teólogo: chegamos a um nível tal de especialização, que cada um, ao menos no contexto de Primeiro Mundo, só se julga competente num assunto bem delimitado. Acabou a figura do “doctor universalis”. Nisto tudo há vantagens e desvantagens. A sabedoria consiste em abraçar as vantagens e procurar diminuir ao máximo as desvantagens.

Pois bem, o mundo conjugal e familiar, ao menos em termos afetivos, facilmente fica prisioneiro de quatro paredes. Com isto pequenos problemas tendem a se agigantar. Pequenos gestos, com facilidade assumem proporções exageradas.

É certo que isto também pode suceder em outros campos. Pode ser que um teólogo, sobretudo moralista, também se prenda a ninharias. Mas o que é próprio da Teologia, como já observava o Papa Paulo VI na Octogesima Adveniens, é justamente esta visão global da realidade. É isto que a fé nos proporciona. E é isto que a VR nos pode proporcionar. E assim seríamos, em linha de princípio, mais isentos para analisar os problemas e ajudar na busca de soluções adequadas, e não ilusórias, porque passionais.

2.3. Poder abraçar as viúvas e os órfãos

Sempre dentro da perspectiva de uma possível eficácia da "inexperiência" familiar da VR, podemos agora nos voltar mais para o aspecto dos filhos. Não é raro este tipo de afirmação: "Os padres e as freiras pensariam e agiriam de modo muito diferente se fossem casados e tivessem filhos". E não são poucos os que vestem logo a carapuça.

De novo, vamos devagar com o andar. Seria falta de objetividade negar o quanto o fato de ter filhos representa em termos de maturidade das pessoas e dos casais. Mas de novo, ter ou não ter filhos não é algo de tão decisivo quanto parece, ao menos não em termos de crescimento pessoal e em termos de Pastoral Familiar. É que pode haver pessoas que têm muitos filhos e filhas e não são fecundos. Pode haver outras que não geram biologicamente, mas geram de outras formas.

Indiscutivelmente a fecundidade é um imperativo primordial, não só pelo fato de aparecer logo no início do Gênesis, mas pelo significado profundo em termos de humanização. Ser religioso não pode significar ser solteirão, e muito menos estéril. **É decisivo para a humanização o ser fecundo.** Mas aqui cabe uma questão fundamental: mas o que é ser fecundo?

É bom lembrar que o termo fecundidade remete para a raiz fé, que aponta para a fonte. Esta raiz está presente, e com este significado, em algumas palavras chaves e que se relacionam com a vida. Por exemplo: fe-liz é aquela pessoa que, por estar cheia de vida, **transborda**; fe-to é aquele que está diretamente se alimentando na fonte da vida; fe-mina (no latim) é a mulher, ou seja, que traz em si uma fonte de vida. Se agora, passarmos para a Vida, com V maiúsculo, começamos a perceber que fecundidade, no seu sentido teológico mais

profundo, relaciona-se diretamente com o estar ou não estar ligado à fonte da Vida, que é o próprio Deus. Destarte a fecundidade, também no contexto da geração de filhos, não é uma questão numérica, é uma questão de atitude de vida. Casal fecundo não é forçosamente o que gera filhos, mas o que está ligado à fonte da Vida. Como observa bem o livro do Eclesiástico (4,16), o que importa é gerar filhos tementes a Deus.

E agora já se abre toda uma perspectiva para a VR. Toda a questão da fecundidade consiste em ser como a chuva, ou como o sol: a rigor não geram nada, mas oferecem condições propícias e indispensáveis para que a Vida desabroche e se desenvolva. De alguém que abraça a VR se pode esperar exatamente isto: que seja testemunha desta fecundidade mais fundamental.

Na mesma linha de raciocínio, completada pelo nosso contexto, vai surgir outro tipo de eficácia dos inexperientes: as multidões de viúvas, órfãos e menores de rua, como expressão de pessoas que vieram à vida, mas não têm condições de vida. Não são necessários longos raciocínios para perceber que os casais ou realmente não estão em condições de amparar os deserdados da vida, ou, fazem como se não tivessem condições. Justamente em se tratando dos mais abastados, é fácil buscar uma desculpa ideológica para nada fazer. E eis um vasto campo onde a VR tradicionalmente se destacou. O fato de haver justificadas reservas ao "assistencialismo" não impede que a mesma causa seja abraçada com uma nova mentalidade. Este tipo de atividade pastoral, quando adequadamente efetivada, não só nos livra da acusação de sermos estéreis, como nos credencia a falarmos "como quem tem autoridade". Se é verdade que não podemos abraçar filhos e filhas na carne, podemos abraçar muitos filhos e filhas de Deus, que são nossos irmãos e irmãs.

CONCLUSÃO

A Pastoral Familiar não só está emergindo como uma autêntica prioridade, como também vem se firmando em termos teológicos, como um setor ao menos tão importante quanto os outros. Como todas as outras pastorais, também esta, conseguiu ampliar sua autocompreensão e ação. Aqui não se tratava de escrever mais um artigo de fundamentação, mas de sugerir, de modo muito despretensioso, que enquanto religiosos e religiosas temos uma contribuição efetiva a dar tanto à Campanha

da Fraternidade, quanto, sobretudo, a causa que nos convoca.

Com este tipo de aproximação não se quer sugerir que basta ser um bom religioso para logo ser automaticamente credenciado como bom agente de Pastoral Familiar. Apenas se quer sugerir que o fato de sermos religiosos não nos impede de podermos evangelizar também no campo familiar. Se é verdade que partimos com certa desvantagem sob um ângulo, partimos com muita vantagem sob outro. Ao menos se deveria concluir que não cabe alimentar complexos de inferioridade só pelo simples fato de não ser casado.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Quando se trata de campanhas que propõem "fraternidade", "repartir o pão" a VR encontra-se bem à vontade. O mesmo não parece dar-se com o tema da família. Em que pode a VR colaborar quando se trata de pastoral familiar? Na situação concreta de sua comunidade missionária quais são as possibilidades?
2. O autor propõe uma linha de ação que valoriza os laços de sangue em primeiro lugar, em seguida os laços da fé.

3. Existe uma eficácia dos inexperientes, que permite à Vida Religiosa situar-se no campo da pastoral familiar com uma visão mais global da realidade. Nesta linha de pensamento, como você concretizaria a frase do autor ("poder abraçar as viúvas e os órfãos") na realidade onde se situa o seu trabalho pastoral?

A VIDA RELIGIOSA E A SOCIEDADE MODERNA URBANA

AINDA EM TORNO DE SANTO DOMINGO

Pe. J. B. Libanio, SJ
Belo Horizonte/MG

Espiritualidade espacial ou espiritualidade descartável? A experiência de Deus, motivo e inspiração da Vida Religiosa, garante rocha firme para qualquer espiritualidade. Discernir, pois, na transitoriedade das realidades humanas, onde, como e quando Deus se deixa experimentar em nosso dia-a-dia.

Santo Domingo, ao falar da nova evangelização, insiste na finalidade de “formar pessoas e comunidades maduras na fé e dar respostas à nova situação que vivemos, provocada pelas mudanças sociais e culturais da modernidade”. Em seguida continua dizendo que se devem levar “em conta a urbanização, a pobreza e a marginalização” (n. 26, 302), “os ambientes marcados pela cultura urbana” (n. 30), “a nova cultura urbana, com seus valores, expressões e estruturas características, com seu espaço aberto e, ao mesmo tempo, diversificado, com sua mobili-

dade, em que predominam as relações funcionais” (n. 253). Enfim, o “acelerado processo de urbanização” (n. 255) do nosso Continente é desafio à evangelização e à VR.

Os lingüistas dizem que toda palavra paga definitivo tributo à sua origem, de modo que estudá-la lança alguma luz sobre o seu significado. Em termos psicológicos dir-se-á que todos nós somos devedores de nosso berço. Sociologicamente deve valer a mesma intuição.

A Vida Religiosa (VR) nasceu num movimento de fuga da cidade, do mundo, e floresceu sobretudo longe do urbano. E quando ela se plantou dentro das grandes cidades procurou construir em torno de suas casas muralhas físicas suficientes para simbolizar a distância e resistência à invasão da cidade. E mais fortemente construiu com a disciplina, com as portarias, com as chaves, com as regras, defesa introjetada no coração do religioso contra o urbano.

Nas últimas décadas tem-se assistido a movimento oposto. As pequenas comunidades nos bairros, quer de classe média, quer populares, aproximaram fisicamente o religioso da cidade. A freqüentação ao mundo urbano vem crescendo no cotidiano e na pastoral. Mas será que as mentes acompanham em profundidade esta mudança espacial e de hábitos externos?

1. INFLUXO DO URBANO SOBRE A ESPIRITUALIDADE

Salta à vista no mundo urbano a enorme complexidade de sua estrutura. Desloca-se da relativa simplicidade da cidade tricêntrica de porte pequeno em percepção cíclica do tempo para as cidades de tecido reticulado numa sensação da rapidez acelerada e irrepetível do tempo.

a. Desafio das transformações da concepção de tempo e espaço

Já este primeiro e primário fenômeno da concepção do espaço e do tempo influi profundamente no interior da vida religiosa e sua ação pastoral.

A cidade tricêntrica — igreja, praça e moradia — se orientava toda para o ponto alto em que se erguia a igreja. Fisicamente ela comandava o espaço geográfico. Espiritualmente orientava o comportamento dos habitantes da cidade. As pessoas introjetavam esse esquema arquitetônico, com expressão de sua cultura rural ou semi-urbana.

A VR reproduzia na sua vida interna e na sua pastoral essa mesma estrutura espacial. No centro da casa estava física e espiritualmente a igreja ou capela. De lá emanavam a força, a inspiração, o horizonte de vida. Freqüentes e rápidas visitas, mesmo na azáfama do cotidiano, garantiam essa posição norteadora e reguladora da capela. E a espiritualidade arrancava sua inspiração desse centro, cuja expressão maior era a presença eucarística de Jesus.

A espiritualidade fluía com enorme normalidade para dentro do cotidiano. Os silêncios, os ritmos de vida, o horário, os trabalhos, as diversas atividades eram regidos pela centralidade da Igreja/capela. Uma espiritualidade centrada, portanto, no espacial, que propiciava as experiências pessoais profundas. Mesmo sensibilidades

já muito tocadas pela modernidade, ao entrarem na VR, buscavam adaptar-se ao espaço religioso para aí vivenciarem suas experiências espirituais. A impossibilidade de tal reversão levava muitos a deixarem a VR.

A entrada do urbano se faz a partir do material. Por mais que nos nossos discursos valorizemos a dimensão espiritual, é no campo das realidades materiais que se iniciam as modificações que terão depois influência profunda sobre as realidades espirituais mais escondidas.

Duas realidades romperam violentamente a estrutura tricêntrica da cidade: a explosão demográfica e os meios de comunicação social. O crescimento da população fez que as moradias já não coubessem sob o olhar sobranceiro da igreja. Elas cresceram mais rápida e suntuosamente que as igrejas. Cresceram as casas em número e altura, transformando-se em gigantescos blocos habitacionais. Diminuíram as igrejas em número e altura, metamorfoseando-se em pequenos salões celebrativos. A arquitetura já mostrava que a igreja-prédio perdia o domínio espacial e a Igreja-instituição a hegemonia dos valores e das práticas.

Os meios de comunicação social completaram o quadro. Entraram casas a dentro, rompendo todos os muros das separações, embaralhando os espaços. Já não há nenhum lugar profano e sagrado que os MCS não consigam inverter. Estádios se transformam em gigantescas catedrais em determinados momentos, para logo depois abrirem-se a shows dos mais variados gostos e critérios morais. Igrejas e cenas religiosas entram no marketing competitivo das emissoras e se secularizam nos visores e telões plantados em clubes, bares, logradouros públicos.

Esta entrada física do urbano não poupou a estrutura da espiritualidade da VR. Também elas sofreram os dois impactos:

espacial e telecomunicativo. Grandes comunidades esfacelaram-se em pequenos grupos espalhados pelos bairros. Outras minguaram por falta de gente e tiveram de ir-se para casas menores, bem metidas nos núcleos urbanos. Nelas a grande capela, lugar central físico e simbólico da vida comunitária, desaparece totalmente ou ocupa algum cantinho escuso da casa. Já não rege mais o ritmo da vida física. As visitas rareiam. Os encontros com a capela já não são espontâneos, porque não se situa na trajetória do cotidiano, mas à sua margem.

Onde as grandes comunidades conservam a antiga centralidade geográfica da igreja, a perda da localização do sagrado se dá na interioridade das pessoas por conta do segundo fator fundamental da desruralização e da urbanização global, os MCS. A sala da TV vai lentamente ocupando lugar de destaque nas casas, se não arquitetonicamente, mas, ao menos, no acabamento, no arranjo mobiliário, na configuração aconchegante e cômoda.

A espiritualidade perde lentamente a característica espacial. Quando as regras teimam em exigir freqüência a atos espacialmente localizados na capela com orações do Ofício ou de outra natureza, as gerações mais jovens e urbanas resistem. E a perda da espacialidade produziu dois efeitos contrários segundo a diversidade de pessoas.

Houve aquelas que viveram o esmaecimento do espaço sagrado com lucidez, profundidade e aprofundamento. Personalizaram sua espiritualidade. A experiência de Deus ultrapassou os limites do espaço para atravessar os diferentes rincões do cotidiano e das atividades. Produziu-se enriquecimento e crescimento espiritual. Outras pessoas, porém, viviam tão apoiadas e ancoradas na espiritualidade espacial, que se sentiram vazias com a perda do domínio físico do sagrado e de sua presença hegemônica no recinto da VR.

Ainda mais forte foi o impacto urbanizante dos MCS na espiritualidade da VR. Não é o tecido espacial que se rompe, como no caso da saída dos recintos sagrados das casas religiosas. Rasga-se por dentro o manto que envolvia toda a VR de sacralidade fundamental, expressa em tantos sinais: silêncio, horas de oração, ritmos lentos de vida, etc. Todos os atos comunitários que eram, de certa maneira, postos sob a sombra do sagrado, perdem esta sacralidade por dentro. A profanidade televisiva invade todos os poros da VR.

De novo, uma geração deixar-se-á tragar por essa vaga dos MCS e perderá densidade e profundidade espiritual. O ritmo superficial, veloz, descartável, das mensagens televisivas, extremamente pasteurizadas, impor-se-á como matriz do agir espiritual e apostólico. Entra-se no ativismo com momentos relâmpagos espirituais. Outros, porém defrontar-se-ão com essa nova realidade urbana e de dentro dela irão construindo nova espiritualidade e ritmo de vida.

b. Desafio da passagem do espaço para o interesse

A diferença radical entre os dois ritmos pode ser expressa com a passagem do espaço para o interesse. A espiritualidade da cidade e VR tricêntrica era comandada pelo espaço, externa e internamente. Criara-se um espaço externo do sagrado e cada um reproduzia-o no seu interior. Ao romper-se este círculo pequeno para as extensões dos grandes espaços, as pessoas começam a organizar-se segundo os interesses. Esses criam tantos círculos de vida de quanto as pessoas sentirem necessidade. Assim, nas grandes cidades, uns se reúnem para o lazer em determinado lugar, outros para o estudo em outro lugar, outros para rezar em outro lugar, outros satisfazem suas necessidades estéticas em outro lugar e assim por diante. Multipli-

cam-se os lugares segundo a pluralidade de interesses. A espiritualidade será tanto mais intensa e profunda quanto maior for o interesse. Em torno dele, organizar-se-á este pólo de vida que agrupará as pessoas afins.

A VR tende a reproduzir tal esquema. Aquela vida comunitária unitária, tendo como centro a igreja-capela, em torno da qual giravam todas as atividades da vida, esfacela-se. E quando se quer mantê-la, sofre-se de contínuo mal-estar. Dentro da VR, criam-se grupos de espiritualidade, de estudo, de lazer, de atividades apostólicas, etc. nem sempre com as mesmas pessoas, nem nos mesmos espaços, nem segundo os mesmos ritmos. Inclusive tais grupos freqüentemente se constituem fora do espaço religioso da VR. E a espiritualidade dependerá fundamentalmente da força motivadora e da possibilidade de criar centro em torno do qual pessoas se reúnam. Isso explica o sucesso de certos movimentos de espiritualidade também dentro da VR. Assim há religiosos que vão viver sua espiritualidade com os grupos da renovação carismática, ou dos focolarinos ou de outro tipo de espiritualidade, independentemente da comunidade religiosa a que pertençam.

Já é o urbano a entrar pelo campo da espiritualidade valorizando o interesse em lugar do espaço. Assim as espiritualidades vão deixando lentamente os espaços sagrados, onde floresceram, para serem animadas pela motivação personalizada (interesse) das pessoas em grupos que respondam a tal interesse. O espaço goza, por sua natureza, de estabilidade. As espiritualidades protegidas espacialmente têm consciência, continuidade, tradição e perenidade. As espiritualidades, ligadas aos interesses, possuem a estabilidade e constância dos interesses. "Infinito enquanto duram". Sofrem do caráter descartável, transitório, consumista de nossa civilização urbana. Entram na batalha dos marketings.

A mentalidade urbana está acostumada, ao voltar a algum lugar que antes conheceu na cidade, não conseguir reconhecê-lo por causa das mudanças acontecidas. H. Cox exprime graficamente o extremo dessa mentalidade, ao contar o que passou com seu filho. Ao ir numa manhã a um supermercado conhecido, equivocara-se no caminho e não o tendo encontrado, volta à casa e diz candidamente ao pai: "Tiraram de lá o supermercado". Assim pode acontecer que um religioso, ao despertar-se um dia, diga-se a si mesmo: "Tiraram de lá a minha espiritualidade" e saia à cata de outra em outro grupo.

c. Em busca de uma resposta

O desafio da atual VR é encontrar um caminho que evite os dois escolhos de uma espiritualidade espacial e de uma espiritualidade descartável. Qualquer volta à visão espacial do sagrado parece não ter futuro em mundo cada vez mais urbanizado. Doutro lado, embarcar na onda do "descartável" para realidades humanas e espirituais, corre-se o risco de superficialidade, de vazio.

A espiritualidade do discernimento, que busca a Deus em todas as coisas no sentido de encontrar experiência fundamental e permanente de Deus na transitoriedade das realidades humanas, revela-se inspiradora e motivadora para a VR. Trata-se de superar o espacial ao buscar a Deus em todas as coisas, no cotidiano. Ultrapassa-se a moda do descartável ao ir fundo na experiência de Deus que garante rocha firme para qualquer espiritualidade. O esforço se translada, portanto, para discernir onde, como, quando Deus se deixa experimentar no nosso dia-a-dia.

A experiência dos Exercícios Espirituais pode introduzir as pessoas nessa prática desde que se faça em perspectiva pessoal e livre, longe de formalismos e legalismos de prescrições.

ESTRUTURA

2. INSENSATEZ DA CIDADE MODERNA

a. Sinais de insensatez da sociedade urbana atual

Torna-se cada dia mais evidente a crescente insensatez da sociedade moderna que introduziu no panteon de seus deuses a divindade maior da razão instrumental. Vem reinando divinamente desde os albores da modernidade de maneira sistemática, crescente, incoercível.

Qualquer análise da sociedade, por mais superficial que seja, constata, em todos os níveis da vida humana, sinais múltiplos de verdadeira insensatez.

Os exemplos aqui esboçados intentam unicamente indicar de que se trata, sem querer nem de longe apresentar quadro completo e cientificamente elaborado da sociedade moderna. Por isso, se escolherá, em cada nível, exemplo de insensatez que seja bem característico.

A economia capitalista se rege pelo mercado livre. A liberdade do mercado não visa diretamente ao bem-estar da sociedade, mas como diz a própria palavra mercado, à produção de mercadorias que possam ser consumidas. Numa palavra, o mercado gira em torno de bens de consumo rentáveis. É o sistema todo, por sua vez, vive de e para tal mercado.

Os bens de consumo trabalham fundamentalmente com a aparência a fim de despertar o desejo, de criar necessidades já reais, já fictícias. E à medida que as necessidades fictícias conseguem despertar mais o consumismo, elas se sobrepõem às reais. E quem rege a escolha não são as pessoas realmente necessitadas, mas exatamente as menos necessitadas. Com isso, os bens que se produzem vão principalmente dirigidos aos setores que dispõem de poder aquisitivo para comprar tais bens. E eles, mesmo

que sejam minoria, comandam o sistema de mercado. Termina este círculo insensato superalimentando os alimentados e deixando à mingua os famintos. Eis a grande insensatez!

No nível político, a democracia, o melhor dos piores regimes da modernidade, na irônica expressão de W. Churchill, cria a insensata ilusão de ser democracia, poder do povo. As nossas democracias são dirigidas por elites cada vez menores que manipulam massas cada vez maiores. Em vez de ser o regime do povo organizado e consciente, que livremente escolhe e decide sobre seus interesses fundamentais, vem sendo cada vez mais o regime de pequenas oligarquias que manejam massas manobráveis. O formal estatístico da democracia é dado pelo número da massa. O cerne político, onde os interesses verdadeiros são analisados, escolhidos e tomados eficientes, cabe a pequenos grupos de burguesia cada vez menores e mais distantes das massas nos seus interesses objetivos. E o mesmo vale na relação entre os países.

No nível cultural, a insensatez não é menor. O ser humano é criado para a comunicação e a comunicação eletrônica destrói a capacidade comunicativa. Quando as comunicações sociais eram difíceis, a comunicação humana encontrava espaço e tempo para suas realizações. À medida que os meios de comunicação social se desenvolvem, a comunicação humana se torna mais difícil.

Basta ver o pequeno exemplo entre crianças e adolescentes que passam horas solitárias diante dos videogames em vez das naturais brincadeiras de grupo dos tempos pré-eletrônicos. É o nível eletrônico mede inclusive a entrada no moderno e urbano. Haja vista o que aconteceu no aniversário de um adolescente de cidade média de Minas. Os colegas vieram para a festa. Logo se dividiram em três grupos

“naturais”. Uns brincaram de carrinho e outros jogos de criança entre si, na alegria ingênua e pura de adolescência pré-eletrônica. Outros, calados, passaram horas diante dos videogames. E um grupo já mais sofisticado foi para os computadores disponíveis para brincarem com jogos ainda mais difíceis e solitários. Eis a nova insensatez de meios de comunicação social que isolam e criam o novo “individualismo eletrônico”.

b. Influxo destes sinais na Igreja e VR

Imersa na civilização ocidental, regida pela razão instrumental, pela concepção de conhecimento como poder e domínio, a Igreja reproduz também dentro de si elementos dessa insensatez fundamental. Antes mesmo que a razão instrumental chegasse ao apogeu na modernidade avançada, ela presidiu a cultura ocidental desde os albores da Grécia. Por isso, vai influenciar a Igreja desde seus inícios, acentuando, porém, nos tempos atuais tal impacto.

A Igreja nasce da pregação de pobre carpinteiro, mensageiro escatológico e itinerante, e pouco a pouco vai construindo enorme estrutura de poder. E os representantes oficiais deste Jesus pobre e livre, descomprometido com as estruturas religiosas e políticas dominantes da época, envolvem-se como necessidade histórica numa dinâmica de poder, criando gigantescas estruturas. Para pregar um Jesus, cujo poder se definia fundamentalmente pelo serviço, pela renúncia à via do poder, instituiu-se um poder cada vez mais poderoso em todos os campos. Épocas houve em que este poder foi total: econômico, político, ideológico, religioso. A instrumentalidade da razão na Igreja entra em profundo conflito com a dimensão radical de caridade, de amor, de benevolência, de acolhida, de perdão, anunciada por Jesus.

E a VR desde o início quis ser expressão radical do seguimento de Jesus pobre e livre. Eremitas deixam as cidades, o ambiente mundano de riqueza e prazer, para na liberdade da oração e da penitência aproximarem-se do exemplo de Jesus. Os cenobitas reúnem-se em comunidade para ajudarem-se mutuamente nesse mesmo ideal de seguimento.

O monaquismo esquece-se, em certo momento, de Jesus pobre que queria seguir no serviço aos pobres. Os mendicantes querem voltar a este espírito, mas também terminam construindo gigantescas obras. Inácio de Loyola intenta voltar de novo a este espírito de peregrinação, de serviço aos pobres. Sempre essa busca da VR de suas origens e sempre a tentação do poder do Ocidente a transformá-la inexoravelmente em gigantescos empreendimentos.

Certa vez um negro da África, ao ver os missionários estrangeiros tão atarefados em monumentais construções, ousa perguntar-lhes para que tais obras. — Para evangelizar, respondem os missionários. — Para evangelizar aqui na África, contesta, em sua ingenuidade, o curioso inquiridor, basta a sombra de uma árvore.

Interessa, porém, analisar mais de perto as insensatezes a que a VR se vê tentada no momento atual. Talvez a maior de todas seja a distância que a VR criou em relação ao mundo dos pobres. Nasceu do seguimento de Jesus pobre. Pretende viver perto dos pobres como Jesus. Organiza-se, porém, em todos os níveis de tal modo que entre ela e os pobres se estabelecem muros físicos, intelectuais, culturais, religiosos. Participa da escandalosa exclusão dos pobres — apartheid — por parte da modernidade. E tanto maior quanto mais avançada a modernidade. A VR reproduz as exclusões de raça, de classe, de gênero, de cultura de maneira, ora clara e sem ambages, ora veladamente.

A VR propõe-se ser vida em comum. A razão instrumental imperante engendra individualismos cada vez mais intransponíveis. A VR, sobretudo nos países ricos e nas faixas ricas dos países pobres, reproduz com todas as letras o mesmo individualismo até sob suas formas mais sofisticadas, que fecham os indivíduos no círculo dos instrumentos eletrônicos: TV, vídeos, computadores. Já há comunidades religiosas em que as horas diante dos aparelhos substituem o encontro entre os irmãos.

A ladainha das insensatezes da modernidade avançada se desfia longa. J. Habermas expressa-as, de modo expressivo, com a metáfora de que o "sistema" coloniza o "mundo da vida". A VR está assistindo dentro de si a tal colonização. O "mundo da vida", das evidências, das experiências vividas, do sentido, da comunicação entre as pessoas, das convicções básicas, do universo das interpretações comuns vem sendo dominado, colonizado pelo "sistema", pelas atividades produtivas, cujo motor são a economia, o mercado, a funcionalidade produtiva de bens. Ora, na VR, freqüentemente tal colonização vem acontecendo no sentido de que a eficácia produtiva, os interesses econômicos decidem sobre o "mundo da vida" da VR, condicionam-no até mesmo perturbando-o em elementos fundamentais.

A pobreza tem sofrido em nome da racionalidade instrumental tal descaracterização, sobretudo em contraste com a real pobreza do povo, que se pode perguntar de que ela é significado hoje na VR. O voto de pobreza quer ser sinal para o homem moderno. O sentido de eficiência das obras, do trabalho dos religiosos tem-nos levado a teor de vida tal que elementos básicos dos inícios da VR como a confiança na Providência, a gratuidade de ministérios, a disponibilidade dos próprios bens minguaram, se é que não desapareceram, em alguns lugares, totalmente. Tal discurs-

so parece tão alheio à razão instrumental que apenas pode ser seriamente feito.

A razão instrumental confia fundamentalmente no poder, na eficácia dos meios em relação a um objetivo previamente determinado segundo interesses econômicos. Cabe perguntar-se se tal mentalidade está a reger as missões apostólicas da VR de tal modo que tudo se mede, no fundo, pela eficácia. Os valores misteriosos do evangelho da "força do fraco", tão acentuado por Paulo (1Cor 1, 20ss) não passa de retórica de práxis extremamente submetida ao critério da eficiência instrumental.

A evangelização junto aos pobres, dos meios pobres, com os pobres, do sujeito pobre está muito longe da razão dominante que pensa a evangelização, quando muito para os pobres, mas não com meios pobres, nem com os pobres e muito menos do sujeito pobre. A VR, quer por afinidade originária quer por proclamação verbal, se diz professar o evangelho dos pobres. Como fazê-lo dentro da modernidade avançada da razão instrumental?

Evidentemente não se pode pretender voltar ao mundo pré-capitalista, rural, em que a VR podia ainda mendigar, viver de pobreza real, confiando na generosidade da esmola. Doutro lado, capitular sem mais diante da razão instrumental não significa nada de evangélico para esse mundo moderno.

c. Sinais de reação na sociedade e na VR

Na própria sociedade, surgem muitos movimentos que tendem a responder criticamente à razão instrumental desde outro ângulo. Anuncia-se, como um dos mais significativos, o movimento ecológico. Inverte-se a perspectiva da razão instrumental. Colocam-se, em primeiro lugar, a vida humana, os valores do respeito à natureza, a qualidade de vida sobretudo dos

mais pobres e excluídos da sociedade; estende-se a concepção do respeito aos direitos fundamentais a todo o cosmo, já que o ser humano tem ligações profundas com ele. A instrumentalidade da razão é submetida a essas realidades poluidoras e produtoras de muitos bens supérfluos.

Nesse bojo ecológico, as pessoas despertam-se para a vida mais simples, sóbria, em batalha direta contra consumismo avassalador. Refugam entrar na corrida vertiginosa dos descartáveis, sem mínimo senso de desperdício.

Se há instituição que deveria ser sensível a tal movimento é a VR. Pode encontrar na causa ecológica, no sentido amplo do termo, superando certas formas bizarras e anedóticas, verdadeira bandeira renovadora de sua própria vida. O coração da ecologia para a VR é a "contemplação para obter amor" na linguagem de Inácio. É a percepção profunda da presença da Transcendência em todas as suas criaturas, desde a linha mais simples e cândida do louvor até a concepção profunda da harmonia global e responsável de todos os seres entre si.

A VR poderá lentamente incorporar na formação, com maior seriedade e exigência, a mentalidade ecológica, que vai educando a geração nova à sobriedade e simplicidade de vida, à responsabilidade social, desenvolvendo verdadeira "ética ecológica" (L. Boff, *Ecologia, mundialização, espiritualidade*, São Paulo, Ática, 1993). A ecologia ainda não foi percebida pela VR como séria exigência ética e religiosa de modo a poder ser resposta atualizada, e não anacrônica, ao surto devorador da razão instrumental.

Noutro campo, a sociedade atual está a ensinar a VR a comportar-se diante da tecnocracia dominante. Esta tem construído gigantes em todos os campos. As cidades transformam-se em selvas de pedra com monstruosos conjuntos habitacionais,

onde as pessoas se escondem mas não vivem humanamente. Os parques industriais constituem manchas escuras e poluidoras no coração das grandes cidades. Estas, por sua vez, se agigantam, incham-se doentia-mente. Os partidos políticos clássicos com máquinas enormes viram-se corruídos por escandalosa corrupção. Os sindicatos perderam na sua monstruosidade a inocência operária fundante. A educação viu nascer em seu seio verdadeira máfia e indústria do ensino com colégios fazendo a função de máquinas de diploma ou de produtos para o consumo universitário. Nem as Igrejas, nem a VR escaparam do gigantismo. Esta última vem diminuindo, em parte, suas expressões macro-exteriores, não tanto por opção evangélica, mas infelizmente por causa da queda brusca das vocações e de forças vivas para levarem obras monumentais.

A sociedade vem respondendo a essas macro-estruturas com o movimento de criação de pequenas instituições mais ágeis, dotadas de autonomia, de estruturas menores, que se interligam entre si, usando os recursos que a informática oferece. Em lugar de pensar as instituições desde estrutura piramidal, elas são concebidas a modo de rede. É nova maneira de conceber o poder, a organização. A estrutura de rede assenta-se fundamentalmente em vontade coletiva que define o objetivo querido por todos e enquanto todos o querem sem dirigentes e dirigidos. Busca-se que todos tenham o mesmo nível de conhecimento, de poder, de responsabilidade. Institui-se comunicação horizontal. Confia-se mais no compromisso consciente e livre dos membros do grupo do que no da disciplina e dos comandos externos. Cultivam-se valores como colaboração, corresponsabilidade, solidariedade, ajuda mútua, transparência no nível da informação e decisão, gratuidade, reciprocidade.

Ora a VR pode ser excelente caldo de cultivo para esse novo modo de pensar as relações de poder. Não contraria em nada

o voto de obediência, que continua, na sua verdadeira natureza, a ser uma obediência de todos a Deus, que se revela fundamentalmente através da história. Esta própria percepção da estrutura de rede pode muito bem ser sinal expressivo da vontade de Deus a que somos chamados a obedecer.

As obras apostólicas modificar-se-ão muito, se a estrutura de rede for lentamente sendo introduzida e se o nível de participação e co-responsabilidade de todos os religiosos crescer. Uma das razões mais importantes de certa apatia de muitos religiosos em relação às atividades apostólicas e comunitárias da VR vem da falta de informação. Em geral, os superiores e seus conselheiros detêm o nível de informação e decisão. Quem não participa nesse duplo nível dificilmente se sente motivado a assumir com coração a obra. Esse movimento da modernidade avançada, em reação ao império da tecnocracia que concentra informação e decisão em pequenas minorias privilegiadas, pode encontrar na VR sadia ressonância, em vez de ela reforçar a enfermidade do domínio despótico da razão instrumental.

CONCLUSÃO

A modernidade avançada avassala a VR com a força devastadora da razão instru-

mental e de todas suas sequelas, sendo as piores o individualismo exacerbado, o consumismo desvairado, a exclusão dos pobres e do estrangeiro, a urgia do gigantesco, o domínio da ideologia tecnocrática. Por sua vez, esta mesma modernidade assiste ao surgimento de movimentos maravilhosos de reação: luta insana pela ética, substituição do domínio do poder pela articulação em rede, o surto ecológico, a busca de vida sóbria, simples e saudável em proximidade com a natureza, o despertar da consciência feminina, da diversidade ética e do pacifismo em oposição à corrida e indústria armamentista, a mobilização contra a fome e a injustiça, etc.

Entre esses dois movimentos, a VR não pode hesitar com quem fazer aliança. É o momento de sair de seus rincões puramente religiosos e eclesiais e abrir-se à sociedade, ao urbano em articulação com todos os movimentos de crítica ao império da razão instrumental e de criação de civilização alternativa. E na base dessa aliança não está pura razão estratégica, mas a convicção certa de que o Espírito Santo fala na história através desses movimentos históricos. E ser sensível a esta linguagem do Espírito, por mais ambíguos que tais movimentos sejam, em atitude de corajoso discernimento, é tarefa desafiante à VR que quer pensar e dizer alguma coisa no mundo de hoje.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A vida religiosa nasceu num movimento de fuga da cidade, do mundo, e floresceu sobretudo longe do urbano. Nas últimas décadas tem-se assistido a movimento oposto aproximando o religioso da cidade, através de mudanças espaciais e de hábitos externos. Você observa em sua comunidade concreta que a mente das pessoas acompanhou esta mudança ou ainda continua numa concepção rural de vida?
2. A espiritualidade da vida religiosa tradicional foi sempre marcada pela idéia de espaço (lugar de oração, lugar de encontro comunitário, etc.) partilhado de modo simultâneo e uniforme; hoje criaram-se grupos mais por interesses, nem sempre com as mesmas pessoas, nem nos mesmos espaços, nem segundo os mesmos ritmos. Tudo isso gera inevitáveis tensões e conflitos. Quais parecem mais agudos e perceptíveis em sua congregação ou casa religiosa?
3. Qualquer volta à visão espacial do sagrado parece não ter futuro em um mundo cada vez mais urbanizado. Mas nesse quadro percebe-se também uma insensatez que pode ser enfrentada a partir, entre outras possibilidades, de uma "ética ecológica". Existe alguma sensibilidade a este tema entre suas companheiras de comunidade? no trabalho pastoral exercitado por vocês?

VIDA RELIGIOSA E INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

Pe. Leo Pessini
São Paulo — SP

"Temos de mudar para ser os mesmos. A identidade é desafio central. O que isto significa no contexto das instituições de saúde? Como operacionalizar isso no concreto do dia-a-dia? Boa vontade e muita disposição não vão longe".

Apresenta-se aqui o resumo da palestra feita no **II Seminário Nacional de Instituições de Saúde** — CRB/Nacional, ocorrido em Curitiba, PR, de 9 a 14 de setembro último.

Vida e saúde — São dons de Deus e compromisso de fraternidade (= comunitário). É a questão mais ecumênica, pois interessa a todos indistintamente, independentemente de raça, credo, nacionalidade, cultura etc. O anúncio da vida constitui-se no ponto fulcral do Reino anunciado por Jesus (cf. Jo 10,10).

Instituições de saúde — São síntese-espelho do que a sociedade tem de mais edificante, bem como o que ela apresenta de mais degradante. Constituem-se hoje numa verdadeira encruzilhada da socieda-

de. Num contexto atual da modernidade, tornam-se sempre instituições de cunho terapêutico e sempre menos marcadas pelo fator religioso (= secularização). Se, num regime de cristandade, o hospital praticamente era uma extensão da Igreja, hoje são completamente distintas estas realidades.

Os hospitais são, atualmente, verdadeiros **aerópagos, terra de missão**, que nos interpelam a partir do nosso ser (= identidade e missão) como religiosos(as).

Assinalamos a seguir de forma sintética oito questões fundamentais no processo de reflexão ético-teológica sobre identidade e missão — vida religiosa e instituições de saúde. São elas: a) visão crítica da realidade; b) necessidade de definição e operacionalização da filosofia das instituições; c) educação e especialização dos religiosos na área; d) administração científica que prime pelo aspecto humano-ético-pastoral; e) presença sempre mais expressiva dos leigos em cargos-chaves; f) necessidade de se trabalhar a Ética num contexto conflitivo e implementação do serviço de Pastoral; g) cultivo de uma espiritualidade exodal para estar a serviço da vida e, finalmente, h) marca de uma ética missionária num contexto de missão em que se transformaram as instituições de saúde, hoje.

LUCIDEZ CRÍTICA ANTE A REALIDADE

É necessário, de início, apontarmos algumas indicações para uma aproximação

crítica (espírito de discernimento) em torno do que entendemos por **vida, saúde e hospital**.

Nesta perspectiva, é essencial perceber as ideologias que manipulam a vida e estruturam a chamada "cultura de morte". A **vida é bios** (biologia), mais atividade sócio-político-econômica e religiosa. Precisamos superar a visão de compreensão da vida como um fenômeno meramente biológico, isolado e, conseqüentemente descontextualizado do "global" onde se insere, e de entendê-la miopemente a partir da "ótica da pessoa na cama".

Um outro elemento necessário para nos situarmos é estarmos informados e conscientizados a respeito do que entender por **saúde** (conceito da VIII Conferência Nacional de Saúde - Brasília - 1986) e da situação política da saúde no Brasil e especificamente a realidade institucional. Como se encontram as instituições pertencentes aos religiosos (política, associação, dificuldades e esperanças)?

Com esta compreensão a respeito do **processo vida-saúde**, o terceiro elemento a ser considerado, já que refletimos a partir da instituição de saúde, é qual o conceito de **hospital**. O hospital na visão da OMS, "é parte integrante de uma organização sanitária, médica e social, cuja missão consiste em proporcionar à população assistência médico-sanitária completa, tanto curativa como preventiva, e cujos serviços externos estendem-se ao âmbito familiar. O hospital também é o centro de formação de pessoal médico-sanitário e de investigação bio-social"(cf. **Serv. de Inform. Tecn. 122,4,1957**).

Num relance histórico, é importante frisar que, "antes do século XVII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência, como também de separação e exclusão. O pobre, como pobre, tem necessidade de assistência e, como doente,

portador de doença e de possível contágio, é perigoso. Por estas razões, o hospital deve estar presente, tanto para recolhê-lo, quanto para proteger os outros do perigo que ele encarna. O personagem ideal do hospital até o século XVIII, não é o doente que é preciso curar, mas o pobre que está morrendo. É alguém que deve ser assistido material e espiritualmente, alguém a quem se deve dar os últimos cuidados e o último sacramento. Esta é a função essencial do hospital. Dizia-se correntemente, nesta época, que o hospital era um morredouro, um lugar onde morrer" (M. Foucault, *Microfísica do Poder*, Graal, Rio de Janeiro, 1986, 6ª ed., pp. 101-102). Quão diversa é a sua função, hoje! (para maior aprofundamento a respeito deste item, ver BARCHIFONTAINE, C. de Paul, *O agente de Pastoral e a saúde do povo*, Edições Loyola, São Paulo, 1993).

FILOSOFIA DA INSTITUIÇÃO

É fundamental buscar urgentemente uma definição de nossa identidade e missão nesse contexto. Que fisionomia apresentamos? Quais são os valores e princípios que mostram o nosso rosto? É preciso definir o nosso **credo** (= verdades fundamentais que norteiam nosso ser e agir nesta área). Faz-se necessário reavivar, reinventar novamente o **carisma** à luz das exigências evangélicas — orientações pastorais da Igreja — necessidades dos mais carentes (= pobres) — tripé da vida religiosa (= experiência de Deus, vida comunitária e missão). Num projeto de fidelidade à inspiração do carisma temos que para mudar para sermos os mesmos.

A questão da identidade é "um desafio central posto hoje à vida religiosa (cfer. Marcelo Azevedo, *Vidas consagradas: rumos e encruzilhadas*, Edições Loyola, São Paulo, 1993). No Objetivo Geral da XVI AGO da CRB (1992-1995) existe o apelo de "aprofundar em todos os níveis a identidade da vida religiosa..."

O que significa resgatar a identidade e a missão da vida religiosa no contexto das instituições de saúde? Como operacionalizar isto no concreto do dia-a-dia? O que é que distingue nossas instituições de saúde religiosas das outras? Existe algo característico, específico, ou elas simplesmente respondem às leis do mercado?

EDUCAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO DOS RELIGIOSOS

A área da saúde é profundamente desafiadora neste nível de formação. Boa vontade e disposição não vão longe. É preciso conhecer e conhecer em profundidade a realidade. Existem desafios específicos que surgem nessa área. Uma educação puramente filosófico-teológico-religiosa é insuficiente para o desenvolvimento da missão de uma forma "competente", do ponto de vista técnico e humano.

Sem falsos saudosismos, constatamos que a **profissionalização** é inevitável e não deve restringir-se somente ao aspecto técnico, mas também ao humano-ético-pastoral. É imperiosa uma educação que valorize o **autocuidado** de quem cuida. Situações de stress e esgotamento mental são freqüentíssimas ("fazei-vos mel e as moscas vos comerão"). Em grande parte, os religiosos foram educados para atuar num mundo rural e aqui surge o desafio de atuar no meio urbano. Surge no horizonte a necessidade do diálogo interdisciplinar. Não seria missão profética do religioso encarnar numa síntese os conhecimentos técnico-científicos e testemunho de humanidade (valores ético-teológicos)?

GERENCIAMENTO DAS INSTITUIÇÕES À LUZ DA ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA

É uma questão de sobrevivência. Não há como escapar disso. É um instrumental

que precisa ser usado em função da vida. Existem realidades muito diferentes, o que nos obriga a distinguir instituições de pequeno, médio e grande porte, estejam estas situadas em área rural ou nas megalópoles. As necessidades de saúde são diferentes dependendo da realidade.

Existe uma grande tensão. De um lado uma "**administração hospitalar científica**", que impõe uma perspectiva empresarial, técnica (= asséptica), que busca a saúde da instituição, sua sobrevivência, pura e simplesmente, sem muita referência ao "elemento humano". De outro lado, a grande maioria das instituições dos religiosos é gerenciada a partir de uma perspectiva de **administração doméstica**, que tem seus dias contados, bem familiar, humana, caritativa, acolhedora dos pobres doentes e vista como evangélica.

Cresce o número de empresas especializadas em administração hospitalar que oferecem assessorias em grande parte só valorizando o aspecto técnico-científico. É preciso vigilância para que esses valores não sejam absolutizados em si mesmos, em detrimento dos valores humanos, éticos e pastorais (que falam de nossa identidade e missão na área). O encanto pelo aspecto técnico-administrativo pode facilmente deixar para o segundo plano valores sagrados da vida religiosa, desfigurando, conseqüentemente, o carisma. Podemos facilmente ter uma instituição exemplarmente administrada, dentro dos parâmetros da moderna administração hospitalar, mas comprometedora dos "ideais religiosos".

Será que onde começa a economia terminaria a teologia? É preciso ter a ousadia de incorporar critérios humano-éticos e cristãos que vão julgar a idolatria da "cientificidade" do aspecto técnico-administrativo. Na área de investimentos, para além da patrimonial (edifícios, equipamentos, terrenos etc.) abre-se todo o desafio da área social. Como a instituição se liga :

isso como um espaço de educação para a saúde, por exemplo?

PRESENÇA SEMPRE MAIOR DOS LEIGOS EM POSTOS-CHAVE

A Conferência de Santo Domingo fala do “protagonismo dos leigos” na Igreja.

Com a diminuição numérica da presença dos religiosos nas instituições de saúde, os leigos vão ocupando sempre mais espaço em posições-chave. A visão prospectiva é que essa tendência aumente enormemente, pois são poucos os(as) que se entusiasмам em trabalhar nas instituições.

Um desafio fundamental a ser trabalhado é a formação desses profissionais da saúde. Eles são formados numa perspectiva puramente técnica (e freqüentemente recebem uma educação técnico-científica deficiente) sem qualquer referência ao humano-ético-pastoral, que é “mero detalhe”. O que dizer de formação humana? Não que todos sejam obrigados a ter nossos valores (o contexto é pluralista), mas o grande desafio que fica é que, pelo menos os que representam nossas decisões maiores, têm de estar em sintonia, “de corpo e alma”, com os valores da vida religiosa. Seria isso uma mera utopia ou uma exigência de garantia de fidelidade em relação à identidade e missão da vida religiosa neste contexto?

ESPAÇO PARA REFLEXÃO ÉTICA E SOLIDARIEDADE PASTORAL ORGANIZADA

A ética e a Pastoral são os “dois faróis” do carro de nossa missão, que nos iluminam e guiam em meio à escuridão da noite.

Vivemos num grande momento de sensibilidade pela ética, justamente quando a

vida humana é mais desprezada e vilipendiada (tecido social doente). Nesta perspectiva abre-se uma chance única de despertar sensibilidade humana num meio despersonalizado e despersonalizante (cf. *Ética: pessoa e sociedade*, Documentos da CNBB, n. 50, Edições Paulinas, São Paulo, 1993).

Sente-se uma grande tensão e sofrimento no processo de reflexão e encaminhamento de solução de dilemas éticos à luz dos princípios éticos da Igreja e os valores e contravalores propostos pela sociedade como um todo. Veja-se, por exemplo, a questão dos métodos anticoncepcionais, aborto, fecundação assistida, só para mencionar alguns mais em evidência. Seriam os (as) religiosos(as) meros fiscais da moral alheia? Seria lamentável se isso fosse verdade. Entreabre-se o espaço e a urgência de elaboração de uma *ética missionária*, sem abrimos mão dos valores sagrados do Cristianismo, já que estamos em “terra de missão”. Acrescente-se a isso a importância e necessidade de dialogar com a ciência de uma forma lúcida e crítica.

Quanto ao aspecto pastoral, as instituições religiosas se ressentem de uma organização e preparação mais adequada destes responsáveis, que respondam à altura às interpelações que surgem da realidade hospitalar. Este setor não pode mais ficar pura e simplesmente num amadorismo sofrido. Sem matar as iniciativas voluntárias, que são necessárias, e muita solidariedade humana que acontece, é preciso dar um passo avante e profissionalizar (sem cair no exagero do “profissionalismo” frio e sem coração) esse setor também. É preciso investir nesta área (cf. Leo Pessini, Pastoral Hospitalar: capelães, problemas de Bioética e desafios para nossa realidade, em **Pastoral nos hospitais**).

ESPIRITUALIDADE EXODAL

A história do Êxodo (Ex 1,10) nos oferece um paradigma de compreensão de uma

90

espiritualidade de caminhar em busca de mais dignidade de vida, libertando-se de uma situação de morte. Podemos destacar quatro momentos fundamentais:

1) **O povo no Egito** — Egito é a terra do sofrimento e da escravidão. Faraó significa morte para o povo. O povo é forçado a duros trabalhos. *“Os egípcios obrigavam os filhos de Israel ao trabalho, e tornavam-lhes amarga a vida com duros trabalhos”* (Ex 1,13). O estar no Egito pode ser comparado ao nosso povo pobre e doente, sem perspectivas de dignidade de viver e ter saúde e simplesmente esperar pela morte. Quem é o faraó, hoje?

2) **A vocação de Moisés** — Deus ouviu o clamor de seu povo e suscita um libertador em Moisés: *“Os filhos de Israel, gemendo sob o peso da servidão, clamaram: e do fundo da servidão o seu clamor subiu até Deus. E Deus ouviu os seus gemidos”* (Ex 2,23-14). Moisés recebe uma missão: *“Vai, pois, eu te enviarei ao faraó para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel”* (Ex 3,10). Quem é o nosso Moisés? Quem encarna hoje essa esperança de sair da escravidão e conquistar a liberdade?

3) **Caminhar pelo deserto** — São 40 anos de caminhada. Tempo de novas descobertas, de tentações de voltar para trás, infidelidades e idolatrias. Quando falta o básico para viver o povo murmura e quer voltar para trás: *“Antes fôssemos mortos pela mão de Javé na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carnes e comíamos pão com fartura”*. No deserto, Deus sela uma aliança com o povo (Sinai). Manifesta-se o Deus providente (maná... codornizes...água da rocha). A grande tentação é sair do Egito e logo chegar à terra prometida. **É no meio do sofrimento do deserto que o povo vai forjando sua identidade e descobrindo sua missão.** Esta situação pode ser comparada, hoje, à nossa procura de clarea-

mento da identidade e missão na vida religiosa na área da saúde.

4) **Terra prometida** — Existe uma esperança, uma utopia da conquista da terra “onde correm leite e mel”. O caminhar em meio às dificuldades do deserto avança na perspectiva desta esperança maior. É acreditando nessa promessa que nasce uma fé inabalável de que existe um futuro, existe uma luz para além das trevas, que existirá “saúde para todos”. Onde está essa nossa “terra prometida” na área das instituições de saúde?

Esta perspectiva nos desafia numa espiritualidade da esperança. Quando falta esta, começamos a morrer. É também nesse sentido que vamos distinguir e perceber o sofrimento provocado que “gera a morte antes do tempo”, que é uma blasfêmia a Deus, que deve fazer nascer em nós uma indignação ética e nos leva a agir. (cf. PESSINI, L. (org.) *Vida, esperança e solidariedade: subsídio para profissionais e agentes de pastoral da saúde e dos enfermos, para o trabalho domiciliar, hospitalar e comunitário*, Editora Santuário, Aparecida, 1993, pp. 42-47).

ÉTICA MISSIONÁRIA

Tem como alvo aquelas pessoas para as quais o Evangelho ainda não é a Boa Nova e que têm dificuldades em aceitá-lo como tal. Baseia-se no pressuposto fundamental de que “alimento sólido é só para quem tem condições de digeri-lo” (1Cor 3,1-3). Sua inspiração brota a partir de metáforas bíblicas, por exemplo, a que analisamos acima — paradigma do êxodo) que nos ajuda a distinguir o que se pode exigir: de alguém que está vivendo **uma experiência de cativo ou exílio**; de alguém que está vivendo numa **experiência de deserto** (como fuga ou libertação) ou de alguém que já se conseguiu se libertar e está vivendo numa situação de liberdade e responsabilidade madura — **uma experiência de terra prometida.**

A grande preocupação da ética missionária é: a) descobrir como anunciar às pessoas, para quem a Boa Nova é ainda algo estranho, a felicidade de viver os valores da terra prometida; b) grande desafio, quando se busca penetrar nas culturas dos submundos marginalizados e dialogar com as pessoas que se sentem excluídas, exiladas e desprezadas (homossexuais, prostitutas, travestis...).

Passo fundamental a ser dado é: aprender a escutar e devolver às pessoas a sua palavra. Não se pode simplesmente parar num discurso sobre problemas dos excluídos para os excluídos, as pessoas para quem o Evangelho não é Boa Nova. É preciso produzir num discurso junto com os destinatários (= diálogo e participação). É importante olhar não só o destinatário, mas também o sujeito do discurso moral.

Metodologia — a) nova consciência do peso que se deve dar à compreensão adequada das pessoas como um ponto de partida para a reflexão teológica; b) reconhecimento do valor da palavra de cada um na reflexão não somente sobre a palavra vivida, mas também na interpretação desta realidade e das suas exigências à luz da fé.

Traços da ética missionária — É uma ética do seguimento de Jesus. Uma ética de conversão que leva em conta o que for alcançável e possível nas circunstâncias da vida presente. É uma ética do ideal prático (= ideal em função daquilo que uma pessoa pode concretizar aqui e agora), trata-se de uma ética pedagógica num contexto de sobrevivência. O grande mistério desta postura ética é que nos ajuda a entender os dilemas reais das pessoas em situações de pouca liberdade. Além disso, ajuda as pessoas a seguirem Jesus da melhor forma que elas podem nesta altura de sua vida, história, momento existencial. O que está em jogo são ações de uma ação humana.

Trata-se do ideal prático que atende ao fato de que a avaliação moral de cada si-

tuação exige que se levem em consideração os seguintes critérios:

a) **natureza humana do ato humano** — É importante que seja livre. Situação de cativo prejudica a natureza do ato. Em determinadas situações podemos perguntar até que ponto se trata de um ato verdadeiramente humano?

b) **motivação** — É importante perguntar por que a pessoa está fazendo isso. Por exemplo, qual a motivação subjacente quando alguém tenta praticar aborto, suicídio, procura a droga ou álcool?

c) **conjunto das circunstâncias do ato** — Por exemplo, mulher que vive junto com um homem, sem serem casados, quer no civil ou no religioso. Qual o peso a dar à responsabilidade para com os filhos?

d) **prováveis conseqüências** — Por exemplo, jovem num relacionamento homossexual com um homem mais velho. Como ficaria a situação do jovem depois de um certo tempo.

Seria uma falta de sensibilidade missionária impor uma ética pastoral de terra prometida a pessoas ainda lutando em situações de cativo e/ou exílio, caracterizadas por pouca liberdade e precárias estruturas de apoio de vida.

Esta perspectiva nos traz luz no sentido de elaborarmos critérios de ajuda e discernimento nos famosos casos de ética na área hospitalar, em que a “ética ideal” pode tornar-se fantástica e um instrumento a mais de opressão e não de libertação das pessoas em meio ao sofrimento humano de caminharem pelo deserto em busca de vida plena.

Para maior aprofundamento sobre o tema, ler *Os desafios da moral missionária no contexto brasileiro de hoje*, da Vice-Província dos Missionários Redentoristas de Fortaleza, CE, publicado em outubro de 1992, em texto mimeografado.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O que significa resgatar a identidade e a missão da vida religiosa no contexto das instituições da saúde? Como operacionalizar isso no concreto do dia-a-dia?
algo característico, específico, ou elas simplesmente respondem às leis do mercado?
2. O que distingue as nossas instituições de saúde religiosas das outras? Existe
3. Como articular o aspecto técnico-científico e o humanitário cristão nas instituições de saúde religiosas?

QUE FAMÍLIA PARA NOSSOS TEMPOS?

REFLEXÕES EM TORNO DA PASTORAL FAMILIAR HOJE

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM
Setor Família – CNBB – Brasília/DF

"A Pastoral Familiar tem como meta uma adequada e exaustiva evangelização da família para que, educada no amor, possa ser transmissora da fé, formadora de personalidade, promotora do desenvolvimento e do senso comunitário", Puebla, 594.

Não é necessário insistir na atualidade do assunto. A ONU determinou que 1994 fosse o Ano Internacional da Família. A CNBB escolheu o tema para sua habitual Campanha da Fraternidade encetada no tempo quaresmal. Religiosos e religiosas inseridos no trabalho pastoral da Igreja ou animando colégios de seus institutos sabem muito bem que estamos diante de um imenso desafio de nossos tempos. O Ano Internacional da Família é, certamente, um convite a que todos reflitamos seriamente no tema e procuremos, se for possível, colocar as bases de uma séria e organizada Pastoral Familiar. Esta recebe forte contributo dos movimentos de espiritualidade

conjugal e familiar, mas é evidente que o assunto deverá ser tomado e organizado pelas dioceses e paróquias. Também os religiosos e religiosas são agentes de Pastoral Familiar e convidados a dar sua preciosa contribuição.

O assunto é vasto, questionador e complexo. Não é nossa intenção esgotar as propostas do Texto-Base da CF/94, nem detalhar todos os pormenores de uma Pastoral Familiar. As ciências humanas se debruçam sobre a pequena célula e examinam seus aspectos sociais, culturais, psicológicos, antropológicos e históricos. A Igreja, sobretudo a partir do Sínodo da Família de 1980 e da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* de João Paulo II (22 de novembro de 1981), vem insistindo que é necessário anunciar a Boa Nova do matrimônio e da família e estabelecer uma organização mínima de Pastoral Familiar em todas as dioceses e paróquias para que se possa reverter o atual quadro vivido pelas famílias em geral e, particularmente, pelas famílias católicas.

A família é um tema que mexe com a emoção. Nem sempre se consegue fazer uma análise serena de sua realidade. A família diz respeito a toda a humanidade. Por isso todos estaremos muito atentos às situações que degradam, deterioram, aviltam essa pequena célula da sociedade. A Igreja tem na família campo de particular atenção. Ela é fundada num sacramento,

constitui-se em Igreja doméstica, é espaço de formação do caráter e do homem cristão, é ponto de partida fundamental para a transformação do mundo e da Igreja. Todos sabemos que muitas constituições familiares, regulares ou irregulares, vivem dramas angustiantes: miséria, falta de relacionamento normal e sadio, violência, discriminação, doenças. Por isso a Campanha da Fraternidade tem uma tríplice finalidade: dizer uma palavra aos católicos, dirigir-se à sociedade, colocar-se ao lado das famílias que vivem situações dramáticas³.

Não é nosso propósito penetrar em todos os labirintos do tema. O propósito desta página é chamar atenção para algumas linhas de pastoral importantes na caminhada da família. Teremos em mente vislumbrar possibilidades de atendimento da pequena célula no sentido de fazer com que as pessoas se realizem na família, se tornem agentes de sua própria realização e se voltem para outras famílias e o mundo. Não pretende esse texto ser uma reflexão total sobre a Pastoral Familiar, mas é seu propósito mostrar a necessidade de um trabalho sistemático em prol da família. Acentuaremos alguns aspectos que nos parecem importantes.

1. OLHANDO A REALIDADE

Remetemos o leitor para o Texto-Base da CF/94. Detalhadamente são analisados diferentes aspectos da vida do casal e da família que causam dificuldade: o próprio casal, sua preparação para a vida familiar, o contexto da miséria, as influências dos meios de comunicação, a educação cristã dos filhos, a pertença ou não pertença da família a comunidades cristãs, etc⁴. Nessa breve tentativa de olhar a realidade chamaremos atenção para uma certa problemática da família que reclama uma organização de Pastoral Familiar.

a) **O amor, cerne da vida matrimonial e conjugal** — Nossos tempos compre-

enderam que o fundamento do casamento não é um mero contrato, mas um grande e verdadeiro amor, livre, pessoal, profundo. Estamos longe dos tempos em que o casamento se fazia tendo por base interesses. Evidentemente, não se trata de qualquer sentimento vago: trata-se um amor totalizante, exclusivo, fecundo, capaz de gerar vida no casal, na sociedade e de gerar filhos e filhas. A insistência no amor interpessoal é fundamental. Notamos, no entanto, que as pessoas tomam distância do casamento instituição e também do sacramento do matrimônio. Ouvimos dizer que a instituição inibe, cerceia a liberdade, mata o amor. Matrimônio e família foram se tornando realidades particulares e privadas⁵.

b) **Superação das discriminações** — Vivemos uma época de superação das discriminações. Luta-se contra o autoritarismo, machismo, cerceamento das individualidades, feminismo. Passou o tempo em que a família era espaço de dominação do homem sobre a mulher, os filhos, os bens. Há empenhos no sentido de se construir uma família onde todos dão sua colaboração, onde cada um é respeitado, onde se cria um espaço de diálogo vital.

Deveríamos aqui abrir todo um inciso a respeito da busca de novas compreensões dos papéis do homem e da mulher. Delicada a questão da mulher que quer e precisa trabalhar fora de casa. Há um caminho a ser empreendido neste particular. Vale a pena transcrever um tópico do *Julgado* do Texto-Base: “Na perspectiva do Reino, não há lugar para machismo, nem para o feminismo exacerbado. Constituídos em sua diferenciação sexual, homem e mulher são chamados a se complementarem, na reciprocidade, onde as diferenças enriquecem. A violência e a rigidez que caracterizam nossas relações sociais muito devem à repressão da mulher e à feminilidade que ela encarna. Tal não justifica o surgimento de um feminismo radical, tantas vezes reduzido à ‘mulher liberada’, que

realiza o mesmo jogo do machismo. Os planos de Deus não podem ser confundidos com os planos dos homens e das mulheres isoladamente: são planos que se concretizam na humanidade, isto é, na integração da masculinidade e feminilidade”⁶.

c) **Família e miséria** — Não entraremos em pormenores. São 32 milhões de brasileiros vivendo em extrema miséria. Uma grandíssima parte de nossas famílias não têm condições normais de vida: moradia, saúde, educação, salários dignos, trabalho. Normalmente estas constituições familiares são mal formadas. Junto com a precariedade material há um despreparo total para assumir as responsabilidades da vida conjugal e familiar. Os filhos “acontecem”. Não são queridos e planejados. Há mesmo os que pensam que antes de se falar em Pastoral Familiar é necessário reverter o quadro de miséria através de um amplo, sério e constante esforço na linha da Pastoral Social. Nos segmentos sociais mais miseráveis encontraremos a delicada problemática das mães ou pais solteiros, dos juntados, dos meninos e das meninas de rua, da violência contra as crianças, do desrespeito cabal aos direitos da mulher, da prostituição infantil, etc. Necessário será desenvolver um esforço em conjunto da Pastoral Familiar com a Pastoral da Criança, do Menor, da Mulher Marginalizada, dos Migrantes⁷.

d) **Crise de valores** — Sem ética não se pode falar em família e construção de estruturas familiares sadias para a humanidade. Numa sociedade pluralista, num tempo marcado pelo descartável, pela busca do prazer, há uma dificuldade quase insuperável de se educar para os valores. A união do homem e da mulher se torna frágil. Os casamentos se dissolvem com facilidade. As crianças estão sempre preocupadas com a eventualidade de ganharem um “novo” pai ou uma “nova” mãe. A Pastoral Familiar sente-se impotente dian-

te da crise de valores atual. Necessário será um esforço de toda a Igreja e mesmo da humanidade para redescobrir os valores que servem de base para a constituição da família e da própria sociedade. “Promover a família, hoje, significa também urgir as exigências humanas e evangélicas do amor conjugal, contra os fermentos da dissolução dos laços de fidelidade e indissolubilidade do matrimônio, em contradição com o desígnio do Criador. Na verdade, ‘o amor conjugal comporta uma totalidade onde entram todos os componentes da pessoa — apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afetividade, aspiração do espírito e da vontade —; ele visa uma unidade profundamente pessoal, que, para além da união numa só carne, conduz a formar um só coração e uma só alma; ela exige a indissolubilidade e a fidelidade na doação recíproca definitiva, e se abre para a fecundidade’...”⁸.

e) **Sexualidade, geração da vida, cultura de morte** — Na esteira da crise ética há delicados problemas ligados à vivência da sexualidade, tomadas de posição delicadas quanto à geração dos filhos e certa mentalidade mais ou menos generalizada de antinatalismo. Conhecemos a evolução havida na compreensão da sexualidade. Passou-se a considerar o sexo uma realidade normal e boa. Aos poucos, porém, o relacionamento sexual foi sendo desvinculado do verdadeiro amor, do compromisso entre homem e mulher, da geração da vida. Relações sexuais quase na infância, uso indiscriminado de anticoncepcionais, multiplicação de relações fora do matrimônio se sucedem. Dramática a situação de mulheres que abortam em condições precárias, fazendo intervenções em clínicas clandestinas. Nem sempre os católicos compreendem as orientações do Magistério na linha do Planejamento Familiar⁹. A escolha dos métodos de limitação dos nascimentos é um dos pontos difíceis da Pastoral Familiar. Não haveria, neste particu-

lar, um grande empenho de esclarecimento a ser realizado?

f) **Atendimento pastoral da Igreja às famílias** — Não se pode dizer que a Igreja atende às exigências da família apenas realizando certos cursos mais ou menos rápidos de preparação para o matrimônio e possibilitando a Movimentos a criação de grupamentos de famílias. Na realidade a família participa da crise religiosa de nossos tempos. O que é fazer Pastoral Urbana? Como conciliar pastoral diocesana e paroquial com atividades dos Movimentos? Como atingir as pessoas que moram nas periferias? O que é fazer uma séria pastoral de evangelização e catequese? Como sair, efetivamente, de uma pastoral dos sacramentos e fazer uma pastoral de evangelização? Quando conseguiremos realizar uma pastoral de conjunto?

Na prática a Igreja atende, mais ou menos, as famílias que freqüentam uma determinada paróquia. Muitos fiéis não têm senso de pertença à Igreja. Continuam, muitas famílias mesmo sem pertença pedindo sacramentos (batismo, primeira eucaristia, crisma, matrimônio). A formação catequética das crianças é precária: não tem o respaldo da família. As crianças que estudam em nossas escolas católicas nem sempre aí chegam para receber uma formação cristã. Os pais, nem sempre, estão convencidos disto. Há essas famílias fechadas sobre si mesmas. Há esses que estão convencidos de que o importante apenas é colocar alguns gestos religiosos tradicionais. As famílias não têm senso de engajamento social e missionário.

Há muitas perguntas e numerosos questionamentos. Como atingir efetivamente as famílias? Como agir pastoralmente com os casos delicados: juntados, separados/recasados que trazem seus filhos para nossa catequese? Que lugar eles ocupam em nossa comunidade? Como fazer com que compreendam que romperam um compromi-

so? Quantos desses, na realidade, receberam validamente o sacramento do matrimônio em sua primeira união?

E poderíamos continuar a olhar a realidade: família e vocação, família e profissão, família e serviço à sociedade, família e formação do caráter e da personalidade, família e meios de comunicação social, família e atendimento dos idosos, família e autêntica vida cristã no lar, etc.

2. PASTORAL FAMILIAR

Evidentemente a Pastoral Familiar se insere numa pastoral de conjunto. Não tem sentido fundar uma estrutura "solta" como "soltas" são tantas outras pastorais. Em nível diocesano e paroquial será preciso um trabalho de conjunto. Pensamos aqui no atendimento da família em todas as prestações de serviços pastorais: catequese, crisma, escola, comunidade de base, atendimento dos menores, das crianças círculos bíblicos. Alguns são de parecer que não se torna necessário criar uma Pastoral Familiar, bastando o atendimento da família por todos os segmentos pastorais da diocese e da paróquia. A experiência mostra que a organização pode facilitar o exaustivo atendimento da família. Insistimos: não se trata de criar equipes ou comissões de Pastoral Familiar para ter mais uma pastoral. Trata-se de um trabalho em conjunto. De fundamental importância é que funcionem os Conselhos de Pastoral tanto em nível diocesano quanto paroquial. Movimentos, religiosos, grupamentos trabalharão sempre em conjunto com essas equipes ou comissões. Todos os que estiverem interessados em compreender melhor as engrenagens e objetivos da Pastoral Familiar poderão recorrer às diretrizes publicadas pelo Setor Família da CNBB¹⁰. Neste capítulo faremos constantes alusões a este texto.

a) **Uma Pastoral previsora e positiva** — O quadro da família, na sociedade e na

Igreja, requer uma organização pastoral corajosa e que não se limite a resolver “problemas” conjugais e familiares. O que se deseja é uma ação previsorora. “A Pastoral Familiar não pode limitar-se a uma atitude meramente protetora, deve ser *previsora, audaz e positiva*. Há de discernir com sabedoria evangélica os desafios que as mudanças culturais apresentam à família. Há de denunciar as violações contra a justiça e a dignidade da família. Há de acompanhar as famílias dos setores mais pobres, rurais e urbanos, promovendo a solidariedade”¹¹.

Neste contexto convém lembrar um texto fundamental, ainda do Documento de Santo Domingo, que coloca a Pastoral Familiar em seu devido lugar: “É necessário fazer da Pastoral Familiar uma prioridade básica, sentida, real e atuante. Básica, como fronteira da Nova Evangelização. Sentida, isto é, acolhida e assumida por toda a comunidade diocesana. Real, porque respaldada, concreta e decididamente no acompanhamento do bispo diocesano e seus párocos. Atuante significa que deve estar inserida numa pastoral orgânica. Esta Pastoral deve estar em sincronia com instrumentos pastorais e científicos. Necessita ser acolhida a partir de seus próprios carismas pelas comunidades religiosas e os movimentos em geral”¹².

Não se trata apenas de conservar a família ou corrigir certos desvios constatados. Pastoral previsorora é aquela que coloca, bem cedo, na vida das pessoas que estão virtualmente orientadas para o casamento, matrimônio e família, condições de construir solidamente seu futuro. Trata-se de implementar uma pastoral pré-matrimonial bastante ampla.

Fala-se de uma pastoral *positiva e corajosa*. Não se trata apenas de mostrar o lícito e o ilícito, o que se pode e o que não se pode fazer. “Será preciso falar e agir de maneira positiva: a beleza da vida a dois

selada pelo sacramento do matrimônio com a característica da indissolubilidade, mostrar o sentido de um amor que se perpetua no tempo com a força de Cristo, chamar atenção para a grandeza e beleza na vida do lar, enaltecer a missão procriadora e educadora. Sempre colocar-se-á o positivo em destaque e não se privilegiará atitudes negativas. Toda a mensagem cristã a respeito do casamento e da família é vista, por muitos como cerceadora da liberdade e não como elemento de realização profunda das pessoas e da comunidade”¹³.

b) O que é Pastoral Familiar? — O Documento de Puebla havia descrito de maneira muito densa e rica a Pastoral Familiar desta forma: “A Pastoral Familiar tem como meta uma adequada e exaustiva evangelização da família, para que, educada no amor, ela possa ser transmissora da fé, formadora da personalidade, promotora do desenvolvimento e do senso comunitário”¹⁴. Não creio que tenhamos colocado em realce esses ricos elementos até hoje. Nesta citação encontramos o objetivo geral da Pastoral Familiar. O texto Pastoral Familiar no Brasil, já mencionado em nosso estudo, apresenta a seguinte definição/descrição: “A Pastoral Familiar é uma ação que se realiza na Igreja e com a Igreja, de forma organizada e planejada, através de agentes específicos, com metodologia própria, tendo como objetivo a evangelização da família, capaz de oferecer instrumentos necessários para a formação da família, fornecer orientações para a vivência familiar, levar a todos a Boa Nova do sacramento do matrimônio e transformar a sociedade pela obra da evangelização humana e cristã”¹⁵.

Destaquemos alguns elementos desta descrição:

- trata-se de *uma ação*, não mero *ativismo* isolado;
- é ação *da Igreja e com a Igreja* e não simplesmente uma iniciativa isolada de

pessoas ou de Movimentos não inseridos efetivamente numa pastoral de conjunto;

- trata-se de ação que precisa de *organização e planejamento*: os agentes desta Pastoral haverão de constituir um núcleo rudimentar de organização em função de conseguir os objetivos por meio de planos bem concretos que podem ser revistos e reorientados;
- terá como objetivo a *humanização e evangelização da família*.

c) Linhas de força e insistências da Pastoral Familiar

- Insistimos que a Pastoral Familiar se apóia na existência de um Conselho de Pastoral na diocese ou na paróquia. No caso concreto do Brasil, onde milhões de famílias vivem em situação de miséria, será preciso estreito trabalho com as Pastorais Sociais. Importante fazer valer a Carta dos Direitos da Família publicada pela Santa Sé e o Estatuto da Criança e do Adolescente¹⁶.
- Toda a Igreja sabe que precisa insistir no anúncio da Boa Nova. Não podemos continuar com uma preocupação sacramentalista. Urgente anunciar o Evangelho e, em nosso caso, o Evangelho do matrimônio, da família, da Igreja doméstica. A Pastoral Familiar forçosamente será muito *mais evangelizadora do que sacramentalizadora*.
- Nem sempre será possível fazer uma Pastoral Familiar *ideal*. Dever-nos-emos nos contentar com uma Pastoral Familiar *possível*. Evidentemente haveremos de nos empenhar por anunciar a necessidade do sacramento do matrimônio com suas características de fidelidade, indissolubilidade. Em todos os empenhos da pastoral pré-matrimonial insistiremos que somente assim, dentro dos desígnios de Deus a respeito do casal e do ensinamento da Igreja a res-

peito do sacramento do matrimônio, o casal será profundamente feliz. Mas estaremos agindo também junto a todas as situações conjugais e familiares delicadas: mães solteiras, novas famílias de migrantes que não podem casar-se no religioso, juntados. Particularmente delicada é a situação de casais que receberam o matrimônio, se divorciaram, e voltaram a casar-se. Eles também serão objeto de nossos empenhos pastorais, mesmo não podendo casar-se no religioso. A realidade nos diz que, no contexto atual, essas situações são extremamente freqüentes.

- A Pastoral Familiar não existe somente para resolver “problemas”. Como já dissemos anteriormente ela precisa ser previsora e positiva. Nesse sentido será importante desenvolver amplo trabalho em vista da *preparação para a vida conjugal e familiar*.

Vejamos alguns elementos-chaves desta preparação para o casamento:

- *remotamente*: colocando já diante das crianças da catequese e dos adolescentes da crisma, conteúdos a respeito do casamento, vida familiar, sacramento do matrimônio, sexualidade; trabalho especial deverá ser desenvolvido junto às escolas (públicas ou particulares) no sentido de que seja oferecido aos alunos ocasião de reflexão sobre o temário da família, da sexualidade humana e cristã e, neste particular, religiosos e religiosas poderão desempenhar papel de grande importância;
- *proximamente*: através de tardes ou dias de reflexão e de estudo para jovens e namorados firmes: importante será sempre levar os jovens à reflexão e convidá-los a uma adesão sempre maior a Cristo e à pertença a uma comunidade cristã concreta¹⁷;
- *imediatamente*: revendo seriamente nossos cursos/encontros, questionando

sua dinâmica e conteúdos e desenvolvendo ação concreta no sentido de tornar menos formais e mais densas as celebrações do sacramento do matrimônio¹⁸.

— *Educação para a sexualidade humana e para o senso crítico* como base da formação de personalidades sadias, humana e cristãmente: esta parece ser uma urgência e precisa ser uma prioridade. Religiosos e religiosas, mormente os que trabalham com jovens, terão aí um campo imenso de ação. Levar os jovens a refletirem sobre o sentido da sexualidade humana, o lugar que ela ocupa na vida da família, o valor da castidade e da renúncia. Paralelamente, e na mesma linha da descoberta dos valores é urgente criar espaços de surgimento de consciência crítica diante de uma sociedade consumista, hedonista veiculada principalmente pelos meios de comunicação social, de modo particular pelas novelas televisivas. Trata-se da educação para o senso crítico.

3. QUE FAMÍLIA, PARA NOSSOS TEMPOS?

Chegamos ao final de nossas reflexões e desejamos anunciar alguns elementos que deveriam caracterizar a família de nossos tempos:

a) **Cria-se uma verdadeira família a partir do amor de um casal** — Quando homem e mulher, fazendo eles mesmos a experiência do verdadeiro amor unem seus destinos, cria-se uma unidade de vida e de doação. Família é realidade que se cria numa corrente de amor. Necessário educar as pessoas para a responsabilidade e o amor: desapego, gratuidade, doação, renúncia.

b) **A família é realidade aberta** — Não é gueto. Não é um mundo alienado. A família está em contato com o grande

mundo. Dele recebe influências e por ele é questionada. Ao mesmo tempo a pequena célula, densamente humana e profundamente cristã, pode mudar a sociedade. A família não pode ser responsável pela conservação de estruturas injustas. A partir de sua vivência interior, mormente pela encarnação dos valores evangélicos (amor, justiça, perdão, solidariedade) ela contribui para o questionamento da sociedade.

c) **Lugar de expressão de um sim à vida** — Trata-se da vida do casal, da vida dos filhos. O casal gera vida à sua volta. Difunde vida. Na força da vida gera filhos que entram no dinamismo da vida. Assim, fica afastada a cultura de morte tão forte em nossos tempos. A família sólida rejeita toda tentativa de aceitação do aborto.

d) **Ninguém pode viver sem receber e dar amor** — É nesse jogo de dar e receber amor que o ser humano ganha dimensão profunda de existência. Somente uma família sólida e bem constituída poderá pôr termo ao drama das crianças abandonadas e dos meninos de rua. Defender a realidade da família é procurar higiene para a nação e para a sociedade.

e) **Uma família que seja efetivamente Igreja doméstica** — Não apenas um lar onde se come e se dorme, mas um espaço de pessoas convocadas pela Palavra, forjadas e formadas na dinâmica libertadora do Evangelho, conscientes de que precisam louvar e engrandecer o Senhor na oração, sabedoras de que o mundo precisa delas para sua transformação e a Igreja necessita delas para seu trabalho missionário. Essa Igreja doméstica será lugar de serviço, humildade, acolhida das diferenças, na gratuidade e no perdão.

f) **Uma estrada a ser percorrida** — Ninguém entra ingenuamente no terreno da família. Os que se casam traçam um projeto de vida: há o projeto conjugal (os dois buscarão sua realização); o projeto dos filhos (estes serão queridos, planejados e a

força do casal os cobrirá de um amor que educa e liberta); o projeto espiritual (dois cristãos sabem que precisarão crescer espiritualmente a dois e em família). Este projeto tripartido vai se desdobrando ao longo do tempo e da história: na acolhida do novo, assumindo o negativo, superando conflitos, na coragem de até inventar o novo, sempre voltados para o mundo, sempre orientados para a terra da missão¹⁹.

CONCLUSÃO

Religiosos e religiosas são convidados, neste Ano Internacional da Família, a fazerem uma grande reflexão sobre o tema. Todos sabemos do importante e mesmo decisivo papel dos religiosos e religiosas na pastoral da Igreja. Caberá a cada comunidade refletir seriamente a respeito das responsabilidades que lhe cabe no desenvolvimento e implantação de uma sadia e fecunda Pastoral Familiar. À guisa de sugestão retomamos algumas propostas da *Familiaris Consortio* na linha do trabalho dos religiosos e religiosas: crianças, princi-

palmente as mais abandonadas, indesejadas, órfãs, pobres e deficientes; visitas às famílias com especial atenção pelos doentes; cultivando relações de respeito e caridade para com as famílias incompletas; ajudar na preparação dos jovens para o casamento; abrir as portas de suas casas para as famílias que aí buscarão recolhimento e oração²⁰. "Não poucos religiosos e religiosas, em nossos tempos, vivem inseridamente e estão em contato direto com a pobreza e a miséria de inumeráveis famílias. Seu trabalho e sua dedicação a este setor da pastoral são de grande valia e se tornam mesmo indispensáveis"²¹.

Sirvam de fecho para nossas reflexões as palavras de João Paulo II na *Familiaris Consortio*: "Sublinha-se, portanto, uma vez mais a urgência da intervenção pastoral da Igreja em prol da família. É preciso empregar todas as forças para que a pastoral da família se afirme e se desenvolva, dedicando-se a um setor verdadeiramente prioritário, com a certeza de que a evangelização, no futuro, depende em grande parte da Igreja doméstica"²².

NOTAS

1. *A Família, como vai?*, CNBB, Texto-Base da CF/94, Ed. Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 1993.
2. *Pastoral Familiar no Brasil*, Estudos da CNBB, n. 65, Ed. Paulinas, São Paulo, 1993, 3ª ed. "Religiosos e religiosas são também agentes de Pastoral Familiar. O testemunho de sua consagração total e irrestrita ao Senhor deverá transparecer claramente diante de todo o Povo de Deus. Sua dedicação e disponibilidade à causa do Senhor transparecerá de maneira límpida junto às famílias e no cuidado dos homens" (n. 90).
3. *Uma Campanha da Fraternidade pela Família*, Almir Ribeiro Guimarães, OFM, em *Vida Pastoral*, n.174, jan/fev 1994, pp. 7-11.
4. *A Família, como vai?*, Texto-Base, CF/94, n. 198.
5. Cf. *Moral do Matrimônio*, Marciano Vidal, Vozes, Petrópolis, 1993 (2ª ed.) Ver particularmente o cap. IV: *Crise da instituição matrimonial – Casal 'versus' matrimônio?*, pp. 57s.
6. *A Família, como vai?*, Texto-Base, CF/94, n. 198.

7. Cf. *Pastoral Familiar*. Reflexões e Propostas. Setor da Família, CNBB, Ed. Santuário, Aparecida, 1990. O V Encontro Nacional da Pastoral Familiar, realizado em Salvador (BA), de 4 a 6 de setembro de 1993, teve como tema *Pastoral Familiar nas classes menos favorecidas*.
8. *Ética: Pessoa e Sociedade*, Documentos da CNBB, n. 50, Ed. Paulinas, São Paulo, 1993, n. 176.
9. Cf. *Santo Domingo* (Conclusões) n. 220; *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2366-2372.
10. *Pastoral Familiar no Brasil*, Estudos da CNBB, n. 65, op.cit.
11. *Santo Domingo* (Conclusões), n. 222.
12. *Ibidem*, n. 64.
13. *Casamento e Família no Documento de Santo Domingo*, Coleção Nossa Família, 4, Almir Ribeiro Guimarães, OFM, Vozes, Petrópolis, 1993 (3ª ed.) p. 39. Este pequeno fascículo ajuda a compreender a insistência de Santo Domingo na Pastoral Familiar.
14. *Puebla* (Conclusões), n. 594.
15. *Pastoral Familiar no Brasil*, Estudos da CNBB, n. 65, op. cit., n. 16.

16. *A Família, como vai?*, Texto-Base CF/94, n. 212-217. Cf. também Anexo 3 (Carta dos Direitos da Família), pp. 120-125.

17. Cf. *Vamos nos casar...* Reflexões para namorados e noivos, Almir Ribeiro Guimarães, OFM, Vozes, Petrópolis, 1993 (2ª ed.; *O tempo da adolescência*. Pais e educadores refletem sobre a adolescência, Luis Fernando Conde Sangenis, Coleção Nossa Família/3, Vozes, Petrópolis 1993 (3ª ed.).

18. Cf. *Casamento: Ternura e Desafio*. Diretrizes e

conteúdos para cursos ou encontro de noivos, Setor Família, CNBB, Vozes, Petrópolis, 1993 (2ª ed.).

19. Um dos melhores textos sobre a espiritualidade familiar, preparado pela direção geral das Equipes de Nossa Senhora é: *Ser Família hoje na Igreja e no mundo*, Vozes, Petrópolis 1993.

20. Cf. *Familiaris Consortio*, n. 74.

21. *Pastoral Familiar no Brasil*, Estudos da CNBB, n. 65, n. 90.

22. *Familiaris Consortio*, n. 65.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O tema da pastoral familiar defronta-se com uma certa problemática em torno de temas que têm um novo enfoque em nossos tempos: o amor, como cerne da vida matrimonial e conjugal; a superação das discriminações; a miséria; a crise de valores; a sexualidade e geração da vida; o próprio atendimento pastoral da Igreja às famílias. Relendo o que o autor escreve sobre estes tópicos, quais seriam os que afetam prioritariamente a realidade vivida por você e sua comunidade?

2. Uma pastoral familiar audaz, positiva e com um forte sentido de previsão su-

põe, antes de tudo, uma pastoral pré-matrimonial. O que poderia ser feito ou está objetivamente sendo feito na área paroquial ou diocesana onde se situa o seu trabalho como religioso/a?

3. O autor termina seu artigo com a caracterização da família cristã nos tempos de hoje, onde se acentua particularmente a experiência da doação amorosa. Em que a vida religiosa como tal poderia contribuir para que esta experiência aconteça, sobretudo nos grupos humanos mais humildes?

ARRISCAR NA FÉ POR UM MUNDO MAIS JUSTO E HUMANO

P. Paul M. Zulehner
Alemanha

"A fé em Deus leva à solidariedade de tal modo que abre o céu fechado. Pessoas que crêem vivem num mundo bem mais amplo. A fé desenvolve seu poder de crescimento na solidariedade. Quem crê sai da influência do medo para o circuito da confiança. Torna-se mais livre para amar".

"S e continuarmos a trabalhar como fizemos até hoje, não chegaremos longe." Tal expressão do político alemão Eppler, sobre o desenvolvimento atual do mundo, não poderá ficar sem efeito, em relação à nossa compreensão a respeito da educação. A educação tradicional tentava introduzir a pessoa na cultura já existente. No entanto, hoje, tornou-se a educação cada vez mais uma parte do esforço de sobrevivência da humanidade. Como tal, a educação deverá capacitar para a mudança de cultura e, em parte, para uma resistência

cultural. Em outras palavras: socialização será cada vez mais o contrário da socialização (contra-socialização).

Neste quadro deverá ser definida também a educação responsável por parte de cristãos. Vale perguntar qual a contribuição, por parte do evangelho a nós confiada, para uma renovação cultural através da educação. Onde houver interesse nesta questão, acontecerá inculturação do evangelho. Isto também significa que inculturação acontece especialmente ali, onde vocês educam.

Minhas exposições seguintes tentarão contribuir para semelhante inculturação verdadeira. Neste caso defendo a seguinte tese fundamental:

TESE FUNDAMENTAL: A tarefa educacional central cristã exigida atualmente, é a educação para a solidariedade resistente e sem limites.

Semelhante educação é uma parte essencial da opção da Igreja pelos empobrecidos.

1. CONCEITOS

O conceito central de solidariedade resistente, empregado nesta tese fundamental, necessita de uma definição mais pormenorizada, para a melhor compreensão.

Defino **SOLIDARIEDADE** como a competência prática de uma pessoa para

uma distribuição mais justa das chances de vida. É aquela virtude, sem a qual não há opção pelos empobrecidos.

Para as CHANCES de vida pertencem alimento, moradia, educação, trabalho, constituição familiar, educação de filhos, prática religiosa.

A questão é uma distribuição MAIS JUSTA de chances de vida: somente tendo em vista este alvo, poderemos minimizar a violência.

A solidariedade assim definida está estreitamente ligada à POLÍTICA. Eu a entendo como luta por estruturas que garantem distribuição mais justa de chances de vida. Se acontece solidariedade na vida diária das pessoas e se para isso forem educadas, será um processo político (mesmo se não se tratar de política no sentido mais restrito). Vista assim, a educação que se exige de vocês é também POLÍTICA.

2. NECESSIDADE DE SOLIDARIEDADE

“Se continuarmos a trabalhar como fizemos até hoje, não chegaremos longe”: esta frase prognóstica, pronunciada certamente como uma profecia autodestruidora, força a pergunta: o que ameaça nosso futuro e por isso precisa ser modificado, se amanhã tiver de existir um mundo habitável, pacífico, mais justo e digno de um ser humano. Como resposta, formulo uma primeira tese parcial:

TESE PARCIAL Nº 1: Sem uma elevada medida de solidariedade resistente não haverá, no mundo unido no seu destino de sobrevivência, futuro justo e, em consequência, pacífico e liberto.

Esta tese é fundamentada em muitos fatos conhecidos atualmente, dos quais deverão ser lembrado alguns importantes:

1. Os meios de sobrevivência da terra são escassos. De momento estão mal dis-

tribuídos entre os continentes e os povos que clama ao céu. Uma consequência prevista desta distribuição injusta são os movimentos migratórios em dimensões históricas anteriormente desconhecidas:

“Devemos contar com o fato de que a pressão da população, a falta de igualdade de chances, assim como a tirania e a opressão, vão provocar ondas de emigração em direção ao norte e oeste, que não poderão mais ser reprimidas. Nossos descendentes vivenciarão migrações em massa, de dimensões ignoradas. Está claro, que nenhuma medida poderá fazer parar, de maneira eficaz, o movimento de migração. Isto poderá levar a um agravamento evidente do racismo defensivo nos países de destino e proporcionar ajuda a ditadores da direita, sendo vitoriosos no processo eleitoral. Isto não pode acontecer...”¹

A alternativa para este temido racismo defensivo só pode chamar-se solidariedade resistente.

2. Solidariedade desta maneira é também necessária, por haver distribuições igualmente injustas em meio aos povos. Muitas sociedades, mesmo ricas, desenvolvem-se em “sociedades de dois terços”. Nas costas de um número crescente de pobres, outros tornam-se progressivamente sempre mais ricos. Este desenvolvimento mostra-se especialmente, quando o trabalho se torna caro e escasso. Quem deverá ser “liberado”? Os estrangeiros, as mulheres, os aleijados?

Por sua vez haverá diferença entre soluções solidárias e não solidárias. De momento, nativos e homens têm a preferência.

3. Aqui há também sinal de mais uma questão de futuro, que ficará insolúvel sem a solidariedade: a redistribuição de chances de vida entre os sexos. As mulheres já anunciaram claramente suas aspirações. Há também uma parcela de homens que aprovam uma redefinição dos papéis dos sexos

e nisso participam criativamente. Mas são poucos e nestes poucos, a transformação não vai profunda. Em ocasiões de crise, homens jovens também retomam modelos antigos. Será inevitável uma guerra de sexos?

4. Necessita-se de solidariedade, para que haja, no futuro, os espaços tão importantes para a sobrevivência digna das pessoas e que estejam cunhadas pela estabilidade e pelo amor. Crianças e adultos precisam dos mesmos igualmente². Se a rede humana rasgar sempre mais, então haverá cada vez mais pessoas ameaçadas de se tornarem “desabrigados psíquicos”.

5. Sem a capacidade para a solidariedade, diminui também a chance dos não-nascidos virem ao mundo. Pois a questão principal é, se um casal (não só a mulher) está pronto para partilhar limitadas chances de vida e assim também — sem prejuízo do lucro, que reside na partilha solidária — reduzir as próprias chances.

3. CARÊNCIA DE SOLIDARIEDADE

TESE PARCIAL Nº 2: A grande necessidade de solidariedade resistente defronta-se com a alarmante carência de solidariedade.

De acordo com nossa tese parcial, é bastante reduzida a reserva social de solidariedade humana. Este fato pode ser provado, no mínimo, na sociedade da Europa Ocidental. Como exemplo vou justificá-la, baseado num estudo da Europa Central da minha própria terra natal.

1. Solidariedade manifesta-se, na pesquisa empírica, como multidimensional.

De um lado há um posicionamento que aponta para uma grande prontidão para a partilha.

Repartir

“Bem comum antecede o interesse pessoal” 36%

Se todos nós renunciássemos a algo, em breve não haveria mais pobreza 47%

Os problemas existentes no mundo só serão solucionados, se todos nós colaborarmos 88%

Todos deverão viver dos bens da terra. Por isso, os ricos deverão repartir os bens com os pobres 64%

O importante para as crianças aprenderem, é o repartir com os pobres 69%

Servir é melhor que mandar 27%

32% são fortemente representados por esta dimensão, outros 53% a representam com menos força.

É igualmente grande o desejo de defender o bem-estar conquistado:

Salvaguarda do bem-estar

“O barco está cheio”. Nosso país deveria trancar as fronteiras para mais estrangeiros 45%

Em situações decisivas, é melhor pensar primeiro em si mesmo 50%

Sou da opinião, de que devemos defender agora nosso bem-estar penosamente conquistado 56%

37% das pessoas se enquadram com maior peso nesta atitude; outras 37% se enquadram com menos peso.

A medida de solidariedade das pessoas manifesta-se, portanto, muito diferenciada. De um lado está uma grande prontidão para repartir. Do outro lado está um desejo manifesto de garantia do bem-estar. O que a pessoa escolherá se for necessário?

Com a ajuda de nossos dados, podemos aprofundar mais. Nisso esbarramos

num posicionamento das pessoas que podemos descrever como autodependência. Ela representa a privatização da felicidade, como também de infelicidade. 56% são atingidos muito fortemente, outros 30% fortemente.

Autodependência

Cada um deve solucionar seus próprios problemas64%

O que importa, é que o homem seja feliz. Como, é problema seu64%

Esta análise direcional traz algumas revelações preciosas:

1. Quem quiser garantir seu bem-estar alcançado tem dificuldade no repartir.

2. A garantia do bem-estar é apoiada, antes de tudo, pelo autoritarismo, pelo hedonismo⁴ e pelo individualismo. A atitude diante da morte representa igualmente seu papel: quem espera algo além da morte, não se importa tanto com a garantia do bem-estar.

3. O individualismo — ele apóia o desejo de garantia do bem-estar — está igualmente apoiado fortemente pelo autoritarismo.

4. Grande sentido ganha aquela dimensão que, na pesquisa, é defendida como “autoritarismo”. Ele apóia muito fortemente o desejo de garantia do bem-estar diretamente e através do individualismo (autodependência), indiretamente. Quanto mais autoritário for alguém, tanto mais individualista será, mais dependente de auto-defesa através da conquista do bem-estar.

5. Semelhante posição central ocupa a atitude ante a morte. Os abertos para o além têm maior facilidade no repartir do que os presos na vida deste mundo; não são tão hedonistas, autodependentes de características individualistas e não têm tão grande necessidade de garantia do bem-estar.

6. Finalmente torna-se também visível o significado da fé em Deus. Quanto mais alguém acredita em um “Deus feito homem”, tanto mais ele se torna simultaneamente “autoritário”. Ao contrário, favorecem-se reciprocamente a fé em Deus e a abertura para o além (de modo compreensível).

Um estudo do ano de 1990 já resultou em revelações semelhantes, de forma mais rudimentar. Naquela ocasião foi analisada meramente a autodependência (individualismo). Percebe-se nisso que a ambição por recompensa social e material⁵, o aprisionamento na vida deste mundo, assim como o autoritarismo, agem de modo não solidário, enquanto religiosidade pessoal — sobretudo quando entrelaçada com outras religiões — leva à solidariedade⁶.

4. DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO

Estas análises complexas revelam evidências fundamentais, sobre as exigências da educação, se quiser comprometer-se com a solidariedade resistente. Formulamos nossos pensamentos em duas direções: como não se deverá educar e qual o caminho que se recomenda.

4.1. Educação não imposta

TESE PARCIAL Nº 3: O aumento de reserva de solidariedade resistente não acontecerá diretamente, menos ainda através de apelo ético (“Sejam solidários”). O apelo, a lei revela a incompetência, mas não a elimina.

Não parece aconselhável, fundamentado nestas análises, aumentar solidariedade através de apelos éticos. A capacidade para solidariedade de fato, está demais comprometida com outros medos primários de pessoa a seu respeito: com a garantia do bem-estar herdado, a possibilidade de gozo

11

sem sofrimento e, ainda muito mais profundo, o medo da morte. O apelo ético “sejam solidários, senão não sobreviverão” não frutificará. No máximo acontecerá uma variação daquilo que Paulo já descreveu na sua carta aos Romanos: o apelo tornará visível a incapacidade de viver em solidariedade, não nos livrará da mesma:

“Eu não conheci o pecado senão pela lei. Porque não teria a idéia da concupiscência, se a lei não dissesse: “Não cobiçarás” (Rm 7,7). Não faço o bem que queria, mas o mal que não quero (7,19). É Deus quem os justifica” (8,34).

4.2. Cultivo de Padrões Pessoais Fundamentais

A alternativa para este beco sem saída que representa a educação, que tenta salvar a humanidade através de apelos morais, consiste em corrigir padrões fundamentais de pessoas modernas que não levam à solidariedade.

TESE PARCIAL Nº 4: Aumento de solidariedade acontece através de um amplo processo educativo. Seus elementos são:

a) Contra o autoritarismo que não solidariza: uma educação que leva a uma forte identidade própria, mantendo a paz interior.

b) Contra a ambição de recompensa: relativização das coisas — um autêntico pós-materialismo. Princípio: que as coisas não nos possuam, mas que nós as possuamos. Libertar-se da “cegueira dos olhos” (Ap 3,20) — “Eu conheço seus sofrimentos” (Ex 3,7).

c) Contra a concentração na vida deste mundo — abrir novamente o céu fechado. Aprender a interpretar os sinais dos anjos (Sl 17,20). Uma parte da virtude é a misericórdia.

d) Contra a perda do mistério: Aprender a habitar o mistério: cultura da místi-

ca, da saudade de Deus. Somente no campo da confiança em Deus, pode o homem escapar da fascinação do medo existencial.

4.2.1. Artista de Liberdade — Pessoas que sabem fazer o uso da Liberdade

Uma primeira tarefa consiste no combate do autoritarismo. É comprovado que este diminui a solidariedade. Autoritários estão muito preocupados com a garantia do bem-estar, são individualistas, introvertidos.

Autoritarismo não é um modo de exercer autoridade própria, mas a atitude frente à autoridade de outros. Desde os estudos de Adorno⁷, — nos quais ele pergunta, como pode acontecer, que antes e durante a estressante segunda guerra mundial, tantas pessoas podiam aceitar sistemas facistas totalitários — classifica-se como autoritário uma pessoa que sente e diz: “Tem razão, quem está em cima”. Não se critica com a própria inteligência, o que a autoridade exige. Pessoas autoritárias são, portanto, pessoas facilmente conduzidas por outros.

Mede-se também, desde Adorno, esta atitude diante da autoridade, com as seguintes frases isoladas:

Autoritarismo

Onde existe autoritarismo rígido, há também justiça 23%

O mais importante que as crianças têm a aprender é a obediência 37%

Aconselha-se participar da discussão e da decisão somente quando, através de duro trabalho, tiver obtido uma posição ... 33%

A grande liberdade que os jovens de hoje gozam, não é absolutamente o melhor 24%

Autoritarismo é encarado psicologicamente como uma estratégia de sobrevivên-

cia de pessoas com um EU fraco e incapaz de liberdade. Conforme o analista de destino L. Szondi⁸, seria a grande tarefa existencial de cada pessoa, cultivar as múltiplas forças (como ambição por poder, o talento para Eros e sexualidade etc), através da formação de um “EU-PONTIFEX” capaz de liberdade, voltado para a vida e liberdade do medo. Se a pessoa, por vários motivos, não conseguir formar este “EU-PONTIFEX”, então ela precisa de um “PONTIFEX-SUBSTITUTO”: uma autoridade forte, ordens cumpridas através de castigos, grupos permanentes. Todos eles dão, por assim dizer, “empréstimo de identidade”.

Com este pano de fundo torna-se compreensível, que neste círculo, a solidariedade resistente é penosa. O que estas pessoas procuram é proteção. Não sendo livres, agarram-se a ordens, pessoas, normas e instituições. Não conseguem sobreviver somente pela força e liberdade interiores — e isto é uma tragédia do ponto de vista humano — como também não conseguem amar. Pois amor (no sentido de solidariedade resistente) cresce somente na periferia da liberdade já alcançada. Sem liberdade não existe solidariedade (como também não se desenvolve liberdade sem solidariedade). Assim escreve João Paulo II em sua penúltima encíclica social: “A solidariedade universal exige, como condição indispensável, a autonomia e livre determinação sobre si mesmo...”

Como se poderá educar, tendo em vista tornar-se um artista ou uma artista da liberdade? Através de auto-afirmação, resistência, coragem civil, saber-dizer-não, superando dependências opostas, liberdade interior e, finalmente, a formação de uma obediência que não é conseqüência de autoritarismo encoberto, mas liberdade reforçada: na verdadeira obediência, a pessoa concentra sua liberdade, a fim de, solidariamente torná-la útil para muitos.

As perspectivas para a conquista de semelhante liberdade não estão más. O autoritarismo diminuiu bastante nos últimos anos. Em nossa área de pesquisa, da Europa Central, a participação de autoritários diminuiu de 75% para 38%. A força impulsora foi a expansão da educação: justamente aquela área social, na qual Vocês mesmas trabalham.

Contudo, permanece a pergunta: por que — apesar da educação e da diminuição do autoritarismo — a escassez de solidariedade resistente continua sendo a mesma como há 20 anos?

4.2.2. Pós-Materialismo

O motivo é simples: a diminuição do autoritarismo não resultou em maior solidariedade resistente,

- porque as pessoas não querem ser mais dependentes, mas por sua vez, ainda não se transformaram em “artistas da liberdade”;
- porque as novas oportunidades, que a diminuição do autoritarismo poderia ter proporcionado, serão compensadas novamente pelo poder de outras forças que não levam à solidariedade.

A estas forças pertence, como de costume, a atenção camuflada, dirigida para a recompensa material e social. À primeira vista, os dados apontam para uma outra direção: observa-se, em nível internacional, uma mudança de valores principalmente nos mais jovens. Esta conduz — conforme Inglehart 10 ou Klages II — na direção de valores pós-materialistas. No entanto, estes bons resultados deverão ser estudados com o necessário ceticismo. Os instrumentos de pesquisa eram construídos de tal maneira que os questionados precisavam escolher entre uma opção materialista e uma pós-materialista¹². Visto por este prisma, o resultado revelou que os valores pós-materialistas são mais importantes para as pessoas do que para os materialistas.

Todavia, este resultado não é de fácil interpretação: a fidelidade é para as pessoas, atualmente, muito importante, mas não porque exista muita fidelidade, mas porque há falta da mesma. O mesmo vale para saúde, boa autoridade e religião.

Além disso, os bens materiais sofrem, quando os possuímos, uma espécie de “perda de gratificação” (Alois Hahn). Gostamos de caçar, mas não de possuir. Enquanto tivermos quantidade suficiente de bens de primeira necessidade e de luxo, serão para nós, psicologicamente, sem importância. Mas isto poderá mudar rapidamente, assim que os mesmos nos faltarem novamente. O grande desejo de garantia do bem-estar diante do crescente movimento migratório dos pobres (nós os denominamos cinicamente fugitivos econômicos), justifica esta suspeita. Nosso modo de pensar é basicamente materialista, melhor ainda, tratamos dos bens pós-materialistas com as velhas estratégias materialistas.

O apego de nossa alma aos bens materiais (um apego que também pode existir quando não os possuímos) parece continuar presente no subconsciente. Esta suposição é apoiada por macroteorias das ciências sociais. Os cidadãos modernos, treinados desde a sua infância, são obrigados a definirem suas impressões pessoais também sobre o possuir¹³. Será que têm razão aqueles que pensam que a sociedade moderna se parece com um bebê gigante, estacionado em sua fase oral? Se isto for verdade, a liberdade adulta e, com ela, a solidariedade terão pouca chance.

Como seria possível educar com a meta de que as cousas não nos possuam, mas antes, que nós as possuamos? Seria necessário que entre o ter e o ser houvesse melhor equilíbrio. É verdade que os bens (como alimento, moradia, educação e trabalho) sejam pré-requisitos indispensáveis para a liberdade. Todavia, numa sujeição unilateral da alma ao capital, a liberdade também não poderá desabrochar.

4.2.3. Concentração na vida deste mundo

Uma atitude determinada diante da morte, que definimos como “concentração na vida deste mundo”, não levará à solidariedade. Formulado de acordo com a ciência social, podemos dizer que a capacidade de ser solidário está ligada à amplitude do mundo que eu “habito” com minha alma. Quanto mais estreito for este “mundo”, tanto menos solidário será o seu habitante.

Acontece, todavia, que a maior parte das populações modernas se concentra amplamente sobre a vida deste mundo. 80% da Europa dizem que o sentido da vida consiste em tirar da mesma o melhor que puder. A morte representa depois, um lugar natural de repouso. O número de pessoas que espera, com firmeza e certeza, além da morte é, conseqüentemente muito pequeno.

Esta grande atenção dirigida à vida deste mundo reduz a solidariedade. Para entendermos esta concexão, ajuda-nos considerar que o desejo dos homens — e isto é um forte sinal de vida — ainda não foi destruído. Os santuários de vida estão bem desenvolvidos: o desejo de crescimento e de pegar raízes, de liberdade e pátria, de estabilidade e mobilidade. É próprio destes “santuários de vida” que eles se opõem à sua inclusão forçada no espaço e no tempo. De acordo com sua tendência interior, eles são ilimitados.

Em gerações anteriores, isto não teve conseqüências tão graves quanto nas atuais. As anteriores podiam consolar-se com o pensamento de que esta vida é um vale de lágrimas, um tempo penoso de peregrinação e que, após a morte, no além, haverá uma compensação. Assim podia-se ser mais contente do que hoje. É verdade que houve abuso deste modo de pensar, no campo pedagógico, principalmente por parte das religiões. Não foi sem razão que a religião

18
c
o
n
v
e
r
g
ê
n
c
i
a

1

tenha sido acusada de ser usada como ópio do povo e como tranqüilizante. Mas o problema da cultura atual já não é mais o consolo com a vida do outro mundo, mas antes, o consolo com a vida deste mundo. No espaço entre oitenta e setenta anos de vida deverá acontecer a grande e ilimitada felicidade. Justamente isto leva a uma certa pressa na vida. Mesmo a vida diária não foi tão acelerada como nos dias de hoje. Atrás disso reside a tentativa de acalmar, através de experiências moderadas, este desejo ilimitado. E como nem aos oitenta anos alcançamos a meta almejada, há quem aspira atualmente uma vida no além (na Europa são 20% e 30% conforme o país), através da reencarnação. É curioso observar: o piedoso hindu tenta sair do círculo da reencarnação, enquanto o europeu apressado deseja entrar no mesmo ciclo. O hindu quer livrar-se do carma; o europeu quer conquistá-lo. Este desejo de "reciclagem da alma" é, portanto, nada mais do que uma das conseqüências destrutivas do auto-aprisionamento nas coisas da vida terrestre.

Como se pode educar com o objetivo de arrombar esta prisão feita por mim mesma? Como se poderia realizar no âmbito da educação, o que promete o salmo 17,20: "Pôs-me a salvo e livrou-me porque me ama"? Os bispos alemães já tiveram razão em 1975, quando escreviam, tentando inculturar o credo tradicional.

"A esperança da ressurreição dos mortos, a fé no rompimento da barreira da morte nos libertam para uma vida contrária à auto-afirmação, cuja verdade é a morte. Esta esperança nos leva a sermos presença para os outros, transformamos a vida dos outros pelo sofrimento solidário e assumindo-o em seu lugar. Nisso tornamos nossa esperança visível e viva, nos experienciamos e nos comunicamos como homens pascais. 'Nós sabemos que fomos trasladados da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos. Quem não ama, permanece na morte' (1Jo 3,14)".¹⁴

Todavia, a meta educativa não pode consistir somente no arrombar a prisão dos que se fecham na vida terrestre. Muito mais se tratará de uma nova maneira de viver neste mundo. Se este aspecto positivo não for levado em conta, facilmente se divulgará aquela acusação que se refere à promessa vazia com o outro mundo. O objetivo do amor pela terra deveria consistir em permitir que ela seja terra. A verdadeira destruição da terra provém finalmente do fato que, como o céu está fechado para nós, pensamos que devemos procurá-lo na terra: na fantasia do crescimento ilimitado, na procura pelo céu no amor.

Um exemplo do amor:

"Quem ama procura — em última análise — um Deus, isto é, alguém que o satisfaça de tal modo que não exista medida nem fronteira, em outras palavras, somente eternidade, infinito. Uma pessoa promete à outra tal realização. Que pessoa poderia assumir tal responsabilidade?"

A primeira virtude do amor é a misericórdia. Nela perdôo ao outro que ele não pode ser o meu Deus".¹⁵

Esta virtude da misericórdia seria uma bênção: para a criação que sofre, para aqueles que amam, para o relacionamento entre si. Futuramente será uma das mais importantes companheiras da virtude principal da solidariedade.

4.2.4. Aprender a habitar o mistério

Nossa análise (modelo) finalmente revela o significado da fé em Deus, não daquela fé, na qual medita a sublime teologia e a qual confessam as igrejas cristãs, mas a fé tal como está presente nas pessoas. Esta fé viva nas pessoas é contrária ao crescimento da solidariedade: ela, ao mesmo tempo, diminui e aumenta a solidariedade. Não produz ambos diretamente, mas indiretamente.

1. A fé em Deus diminui a solidariedade, quando surge junto com autoritarismo. Precisamos ressaltar, devido a uma crítica teológica desta relação, que a fé bíblica não é autoritária, mas desafia antes para a liberdade e responsabilidade e, com isso, à solidariedade. Isso é diferente em relação à fé em Deus, tal como a encontramos em algumas pessoas. Deus lhes serve, evidentemente como proteção contra sua própria falta de liberdade. E, em vez de confiar em Deus, o Libertador, arriscando com Ele a vida, escondem-se debaixo de uma imagem limitada de Deus.

2. A fé em Deus leva igualmente à solidariedade de tal modo que abre o céu fechado. Pessoas que podem crer vivem num mundo bem mais amplo do que aquelas que não (podem crer) crêem. Neste ponto, acima de tudo, a fé em Deus, moldada numa comunidade eclesial de acordo com normas cristãs, desenvolve seu poder de crescimento na solidariedade. Este poder da fé em um Deus verdadeiro que leva à solidariedade entende-se teologicamente assim: é provável que o crente, na sua fé no Deus de Jesus, escape àquele medo existencial, que, no fundo de nossa alma nos torna incapazes para a solidariedade resistente. Quem crê sai da influência do medo para o circuito da confiança e torna-se assim mais livre para amar.¹⁶

Como se poderá educar, para que as pessoas aprendessem novamente a habitar o mistério? Como podemos transformar-nos em companheiras de jornada bem informadas para as pessoas, num mundo sinistro e profundamente ameaçado por um desabrigo psíquico, a fim de que pudessem novamente habitar o mistério? Experienciamos aqui o significado profundo da língua (alemã), que na palavra MISTÉRIO (Gehelmnis), encontra novamente o lar (Heim), a pátria (Heimat). As pessoas habilitadas a ensinarem como habitar o mistério denominam-se pedagogas do mistério, enquanto aqueles que se sentem em

casa no mistério, no sentido exato da palavra, são místicas. Penso que semelhante *pedagogia do mistério* será um dos requisitos fundamentais para uma educação que quiser manter o futuro aberto. A dimensão religiosa de vossa tarefa está mais relevante que nunca.

Isto também comprovam dados sobre a situação religiosa na Europa. A Europa não está atéia, nem secularizada. O vínculo com a Igreja está muito diferente em cada país. O mesmo acontece com a confiança na Igreja. Mas a liberdade religiosa, de maneira alguma, está difundida universalmente.

5. PESSOAS E LUGARES

Permanece ainda a pergunta, como tal educação poderia ser colocada em prática. Seu alvo será nada menos que a transformação salutar da geração futura, a qual, na sua educação passada, já assimilou uma cultura, que em parte não tem futuro.

Concluindo, gostaria de colocar de maneira bem condensada, aquelas revelações da ciência moderna que nos dão informações a respeito de semelhante transformação benéfica e não violenta das pessoas.

TESE PARCIAL Nº 5: A educação necessita de lugares sérios para estudo, com pessoas capazes. Pois as características indispensáveis duma transformação benéfica das pessoas (de uma contra-socialização) são:

- novo conhecimento da vida (credibilidade interior)
- estruturas plausíveis (educadoras)
- outras de significação (educadoras)
- comunicação (viver e trabalhar juntos)
- aniquilamento e legitimação (despir o homem velho e “vestir” o novo)
- comunicação contínua (que comunidade é para mim, por muito tempo, fonte de solidariedade?)

Tudo fala a favor de redes cristãs e eclesiais.

Aonde há hoje estes lugares? São suas escolas, seus jardins de infância, seus semi-internatos? Ou seriam as comunidades de base que crescem cada vez mais; os grupos de ajuda mútua, as comunidades cristãs nas paróquias? Não será fácil responder esta pergunta com exatidão, de país para país. Principalmente as cristãs da Europa Oriental e seus bispos estão em busca de uma resposta bem fundamentada: deverão restaurar os lugares confiscados durante quarenta anos ou deverão, com fantasia própria, criar novos lugares? Seja como for com os lugares: a mesma importância têm as pessoas — logo, vocês mesmas. Baseado na análise apresentada, recomendo-lhes um sincero exame de consciência:

Como está minha própria capacidade em relação à solidariedade? Ou vivo minha virgindade como pobreza de relacionamento? Este conselho evangélico me torna capaz de relacionar-me, livre para uma solidariedade que ultrapasse os limites familiares?

Como vai minha liberdade? Sujeitei seu desenvolvimento a um modelo estreito de obediência autoritária? Tornei-me “artista da liberdade” que sabe, que obediência só é admissível, humana e cristãmente falando, como extrema liberdade? Como praticamos respectivamente a obediência: libertando ou incapacitando? É verdade que o Concílio também recomendou reformas em relação a este ponto: tiveram êxito ou, por medo, foram enterradas em estatutos?

O que acontece com aquilo que posuo: com minha fantasia, meu conhecimento, minha experiência religiosa, minha alegria, aquilo com que Deus me presenteou como mulher, minha capacidade de sofrer? Estou pronta — tendo me tornado pobre — a repartir estes meus próprios bens de vida? E ainda: opto eu — e optamos nós realmente por aqueles cuja pobreza é tão variada?

Como vai minha própria atitude de quem só se concentra na vida terrestre? Também para vocês — tendo em sua comunidade mundial tantas obras herdadas e diante desse fato, tanta falta de Irmãs, existe o perigo de que sempre menos Irmãs tenham de fazer sempre mais. O que as Irmãs hoje em dia suportam é não somente extraordinário, mas também questionável. Não nego a intenção. Mas não existe também, na maneira como nós nos “matamos” de tanto trabalhar¹⁷, bastante concentração na vida terrestre, que não leva à solidariedade? Permitimos a nós mesmas e também às comunidades, a viverem como fragmento? Acreditamos seriamente no purgatório — que Deus, no fim, nos salvará por tudo que realizamos e apesar de toda culpa, como através do fogo o que nos daria a liberdade de vivermos neste mundo como fragmento e também darmos aos outros este direito?

Mas, afinal: vocês habitam o mistério de Deus? Seguem individualmente e em comunidade seus passos? Cada uma de vocês traz em si uma “pequena História Sagrada”¹⁸, a saber, a história que um Deus infalível e fiel escreve com cada uma de vocês. Lêem vocês mesmas nela e lêem às vezes também discretamente — uma para a outra nesta história sagrada? Ou estão antes inclinadas a preferirem que alguém lhes exponha sabedorias espirituais e que depois cada uma tire a sua parte, isolada e sozinha? Não estão, por este motivo, muitas de nós ameaçadas pelo desabrigo psíquico — mesmo dentro de nossas comunidades — por degenerarmos em empresas de prestação de serviço e deixarmos de formar comunidades? É certo que, diante da sobrecarga febril, não seria nenhum milagre. No entanto, continuam com razão os peritos da organização de desenvolvimento, quando dizem que, após a exploração mortal de si mesmo, acontece o colapso espiritual. Vocês certamente não inicia-

ram sua vida em comunidade com este objetivo. E se — apesar de esplêndidas metas escritas — assim mesmo determinarem sua vida diária, as jovens serão também aconselhadas a evitarem suas comunidades. Com isso não sou da opinião que vocês devam deixar-se influenciar por sentimentos de culpa de que sejam vocês mesmas ou as reformas da últimas décadas desde o Concílio Vaticano II e o que mais possa ter a culpa, que momentaneamente haja tão pouca afluência de jovens para suas comunidades. Mas seria importante se afastassem impedimentos desnecessários, pois sempre haverá suficientes obstáculos que não poderemos remover.

NOTAS

1. King, A., Schneider, B., A Revolução Global. Um relatório do Conselho do Club of Rome, Spiegel especial 2/1991,43.

2. Berger, P.L.u.B., Em defesa da família burguesa, Frankfurt 1984.

3. Do estudo "Homens 92", realizado atualmente por mim, sobre o auto-retrato dos homens e sua mudança, na Áustria.

4. HEDONISMO

Eu sei, como fazer o bem para mim mesmo, como permitir-me um prazer 70%

Devemos dar a forma mais agradável à própria vida 59%

5. Além disso, o pós-materialismo possui, como é bastante representado no partido dos verdes, uma força que solidariza.

6. P.M. Zulehner, entre outros, "Do Súdito ao Artista de Liberdade". Um diagnóstico baseado no estudo RELIGIÃO NA VIDA DOS AUSTRIACOS 1970-1990 E DO ESTUDO DE VALORES EUROPEU - PARTE DA ÁUSTRIA, 1990, Viena 1992.

7. Adomo, T.W., "Estudo sobre o caráter autoritário", Frankfurt 1973.

8. Szondi, L., "Terapia Analítica do Destino", Bern 1963 — Wahl, H., "Ética cristã e análise psíquica, München 1980.

9. João Paulo II., "Solicitude rei socialis", Roma 1989, Nº 45.

10. Inglehart, R., "Revolução cultural". Mudança de valores no mundo ocidental, Frankfurt-New York 1989.

11. Klages, H., "Orientações de valores na mudança". Retrospecto, Análises do momento presente, prognósticos, Frankfurt 1984.

Permitam que eu conclua com a oração do 21º domingo. Aí rezamos instruídos pela sabedoria milenar da Igreja:

"Dai ao vosso povo amar o que ordenais e esperar o que prometeis, para que, na instabilidade deste mundo, fixemos os nossos corações onde se encontram as verdadeiras alegrias".

Se houvesse entre nós suficiente número de pessoas que vivenciassem esta antiquíssima arte de viver, de maneira tão visível e concreta, então não seria somente uma vantagem para estas, mas ao seu redor também se abriria espaço para um futuro habitável. Eu acharia maravilhoso, se suas comunidades tomassem parte nisso.

12. Tais valores são:

a 1) garantir forte crescimento econômico
a 2) assegurar que o país tenha uma forte defesa nacional

a 3) cuidar para que haja mais participação na determinação do emprego e na política municipal

a 4) cuidar do embelezamento de nossas cidades e da paisagem

b 1) manter o direito e a ordem

b 2) mais participação do cidadão em importantes decisões governamentais

b 3) impedir a elevação dos preços

b 4) manter a liberdade de opinião

c 1) economia estável

c 2) esforço por uma sociedade que seja menos impessoal e mais humana

c 3) esforço por uma sociedade na qual sejam mais importantes as idéias do que o dinheiro

c 4) luta contra o crime

13. Fromm, E., "Ter ou Ser", Stuttgart 1976. - Pasolini, O.O., "Freibeuter schriften. "A destruição da cultura do indivíduo pela sociedade de consumo", Berlin 1978.

14. Os bispos alemães, Nossa esperança, Bonn 1975.

15. Bleistein, R., "Os jovens e a Igreja envelhecida", Freiburg 1977, 75.

16. Usamos aqui uma tipologia sócio-religiosa dividida em cinco partes, composta pela frequência da Igreja e da Imagem de Deus:

DEVOTOS: Crêem num Deus feito homem e vão à Missa no domingo.

DEVOTOS CULTURAIS: vão à Missa no domingo, mas acreditam "somente" num ser superior.

RELIGIOSOS: Crêem num Deus feito homem, mas não frequentam regularmente a Missa aos domingos.

RELIGIOSOS CULTURAIS: também não vão regu-

mente à Missa e acreditam somente num ser superior.

ÃO RELIGIOSOS: duvidam da existência de Deus e renegam-no.

7. Fassel, D., "Nós nos matamos de tanto trabalhar", München 1991.

18. Zulehner, P.M., Fischer, J., Huber, M., "Serão o meu povo", Curso fundamental de Fé Comum, Düsseldorf 1985. - Zulehner, P.M., "Curso Fundamental de Fé Comunitária", Düsseldorf 1992.

(Texto apresentado para o 19º Capítulo Geral das Irs. Escolares de Nossa Senhora).

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A tarefa educacional cristã exigida atualmente é a educação para a solidariedade resistente e sem limites. Evidentemente que para as escolas cristãs dirigidas por religiosos/as esta tarefa é primordial, mas que afeta também qualquer outra ação evangelizadora. Que sinais concretos são observáveis em sua ação pastoral em favor de uma educação para a solidariedade?

2. O autor afirma que há uma alarmante carência de solidariedade. E apresenta como uma primeira tarefa para enfrentar

o problema o combate ao autoritarismo. Você estaria de acordo com as idéias expressadas pelo autor?

3. A capacidade de ser solidário esta ligada à amplitude do "mundo" que cada um de nós habita. Quanto mais estreito for este mundo, tanto menos solidário será seu "habitante". Como poderia ser classificado o "mundo" em que você e sua comunidade atuam? É medido pelo trabalho ou pelos frutos de solidariedade que gera?

MODERNIDADE E DIGNIDADE HUMANA

Fr. Silvestre Giraldi ofm cap
Caxias do Sul/RS

INTRODUÇÃO

De repente, no Brasil, como forma ideológica e política de apresentar e de significar o progresso e o avanço tecnológico, falar-se em modernização como novidade. E fala-se em modernidade como algo novo e em movimento, que designa melhoria, eficiência, qualidade produtiva, competitividade, capacidade de superação tecnológica, vencer os mecanismos de mercado, competência. Enfim deixar que as leis de mercado regulem todo o mecanismo de produção, comércio e consumo.

Na verdade, a modernidade designa a reflexão e a crítica sobre o fato e sobre o moderno. Assim, a modernidade é a interrogação, a dúvida, a reflexão do moderno. É um processo da descoberta, é ação, é movimento: tem um ponto de partida, um programa de trabalho e o seu ponto de chegada, contudo, é incerto. Conseqüentemente, a modernidade é a consciência de uma época, e a alienação, por sua vez, é um processo social interveniente para evitar a mesma consciência. E, por vezes, o moderno é a consciência neurotizada da modernidade e alienação do processo da modernidade. No caso específico do Brasil, a sociedade se pensa mais como moderna, com seus modernismos e buscas de novidade, e não como modernidade.

No moderno, o que está em jogo é o novo, o presente, o original, em oposição ao antigo, ao passado, à imitação. A partir do século XVIII, com a industrialização e a mercantilização, a originalidade torna-se um valor supremo: as coisas valem por

serem diferentes, originais, novas. É a alienação da novidade, é a representação neurótica do novo. É o imaginário do moderno. A nossa época se comporta como moderna, e nem sempre como modernidade. Pois, esta — a modernidade — é reflexão crítica, é projeto, é criação reflexiva do movimento.

1. PROJETO DA MODERNIDADE

Em princípio, a modernidade não se restringe a épocas e a espaços. Porém, de modo geral e amplo, o projeto da modernidade recobre os últimos três séculos. Mais precisamente, a partir de 1700 até nossos dias. Período marcado por um novo tipo de civilização: a civilização industrial, que modificou e transformou a vida do homem mais do que todas as revoluções precedentes.

Até o início da modernidade — século XVIII — a Religião unia todos os elementos fundamentais da vida humana: a ciência, a arte, a moral, apolítica e as leis. A fé e a ação humana caminhavam no mesmo projeto. Não se fala da autonomia das ciências, da política, da arte, da filosofia. Não se fala da autonomia do homem. Existe um único projeto, o projeto de Deus, determinado pela Religião. No campo do conhecimento, o homem se especializava em muitos conhecimentos. Época da universalização do conhecimento.

Este projeto acabou com o advento do Iluminismo. Agora o homem é a fonte iluminadora do seu destino e do seu proje-

to. Por sua vez, a ciência, a arte, a filosofia são campos específicos para os iniciados: começa o mundo dos especialistas, dos tecnocratas, dos cientistas. Deus é colocado na intimidade. O povo não é mais consultado. A sua opinião não é considerada sobre os grandes projetos do mundo. Os grandes projetos são determinados e avaliados por especialistas, em todos os campos do conhecimento humano e da ação. Conseqüentemente, existe um grande distanciamento entre projetos políticos e povo, entre economia e povo, entre produção cultural e povo, entre reflexão teológica e povo. Ao mesmo tempo, foi gerado um novo conflito: a necessidade da especialização e o autoritarismo dos especialistas e tecnocratas. Conflito que a modernidade não consegue superar. Pois a modernidade avança no seu projeto da reflexão crítica e da criação original em todas as áreas do conhecimento humano e da produção científica. E só pode contar com os especialistas na elaboração dos seus avanços científicos e projetos globais.

A Revolução Industrial (1740-1860), iniciada na Inglaterra e depois difusa de maneira desigual na Europa e América do Norte, e bem mais tarde em outros Países, representou uma ruptura radical a respeito do passado agrícola, artesanal e comercial. Ao mesmo tempo, deu início ao fenômeno da urbanização: imensas multidões foram se deslocando do meio rural para a cidade, onde se encontram as indústrias. Criou a divisão do trabalho com a conseqüente formação de duas grandes classes sociais: a burguesia proprietária e concentrativa dos meios de produção e dos bens produzidos. A parte privilegiada da sociedade. E, por outro lado, o proletariado, que engloba todas as categorias do trabalho formal e informal, sem participação do bem-estar e da dignidade plena. É a parte excluída. E as diferenças sociais são sempre mais marcantes e atingem sempre um número crescente de pessoas, de povos e de nações.

Assim, com o advento do Iluminismo e da Sociedade Industrial, produziram-se mudanças profundas no modo de viver, de pensar e de sentir. E o mundo moderno passou a indicar um conjunto de princípios, idéias, sentimentos, aspirações, desejos e mitos, que nos últimos três séculos iluminam a conduta humana e os projetos globais.

2. MARCOS DA MODERNIDADE

Neste espaço, veremos os elementos fundamentais que determinaram a construção da modernidade: o progresso, a ciência, a razão e a liberdade, igualdade e democracia.

a) Confiança no progresso sem fim

Confiança e fé na humanidade que caminha e constrói o progresso sempre para melhor e sem fim. E tendo a razão humana como luz iluminadora e a ciência como instrumento de progresso, sepultando a influência da superstição, da religião e da teologia. Assim, pelo bem-estar, a humanidade encaminha-se para uma época de felicidade completa. E é a viva convicção de que o progresso científico levará a humanidade à libertação de todos os males, sofrimentos e mazelas.

b) Confiança na ciência

Confiança e fé na ciência como meio para atingir o progresso ilimitado. E os cientistas passar a ser os profetas da modernidade, sua palavra é ordem. A ciência e os seus experimentos são considerados fonte intransferível da verdade e confiança em suas forças para dominar as resistências e os segredos da natureza. Em parte é verdade, por mérito da ciência, a vida humana tornou-se mais agradável e de melhor qualidade. Contudo, é incapaz de estender o bem-estar e a abundância para

todos os povos, no campo da saúde, alimentação, educação, habitação, higiene, condições de trabalho, transporte, lazer. E o que constatamos são as enormes crateras e abismos irreparáveis dos contrastes sociais.

c) **Confiança na razão humana**

Confiança e fé na razão humana, capaz de libertar o homem das trevas e iluminar os novos caminhos do progresso. Em outras palavras, o progresso somente é possível tendo a razão como guia para iluminar o homem das trevas da superstição (a religião) e das cadeias da autoridade (o absolutismo). Em consequência direta, provocou uma crise nos princípios cristãos da revelação e no princípio da autoridade.

d) **Culto da liberdade, da igualdade e da democracia**

O valor inquestionável e absoluto da pessoa humana está na sua liberdade inalienável e no princípio da igualdade e no princípio da democracia. Respectivamente, liberdade política, religiosa, civil, moral, sexual, liberdade de pensamento, de consciência, de culto, de movimento. Por sua vez, o culto à igualdade se traduz no combate a toda forma de privilégios e no combate à discriminação de raça, de sexo, de classe, de qualquer minoria. E, por fim, a defesa da democracia como regime político válido para a realização e concretização da liberdade e da igualdade. Todas as decisões passam pela democracia e pelo respeito à liberdade e à igualdade.

Em síntese, com a modernidade nasce a convicção de que o homem tem em suas mãos o próprio futuro e um mundo novo de felicidade, de bem-estar e de progresso sem fim: a passagem da impiedosa condição vivida no "vale de lágrimas" para a beatitude do "paraíso terreal". Contudo o mundo moderno não está conseguindo superar suas ambigüidades e contradições

intrínsecas: os extraordinários níveis alcançados em múltiplas frentes da vida humana e, paradoxalmente, lado a lado uma grande parte da humanidade está mergulhada na miséria, na fome, envolta com o racismo, com o problema das drogas, das guerras, da violência, da insegurança, sem contar as crises de valores, a perda da esperança, da insatisfação e a crise existencial.

3. **TRAÇOS CRÍTICOS DA MODERNIDADE**

A modernidade é iluminada pela razão humana, pela reflexão crítica, pela verdade científica, que incorpora a autonomia das culturas, a liberdade e a autodeterminação dos povos. Ao mesmo tempo, os avanços do movimento, como: a eletricidade, o avião, o carro, a conquista espacial, a psicanálise, a reatividade, o pensamento social, o movimento das massas o pluralismo ideológico, político e religioso. Bem, como, o tempo não é mais um só e o espaço é sempre desigual. Em princípio, a sociedade moderna é orientada por algumas linhas gerais, que veremos a seguir.

a) **Mobilidade**

Tudo está em movimento, tudo está em contínua mutação e em todos os aspectos. Inicialmente, temos a mobilidade da técnica, que provoca uma mobilidade de conduta e do modo de vida pessoal, familiar e social. A mobilidade também é social em múltiplos aspectos: a posição da mulher no mundo do trabalho, na concepção da família e da procriação; a posição sempre em movimento das classes trabalhadoras com seus organismos representativos; mudanças ideológicas, políticas e filosóficas, que superam a concepção da "história como mestra da vida" para uma visão dinâmica da modernidade de que a história é sempre nova e não existem projetos prontos e definitivos. Inclusive, o colapso da

URSS, como império monolítico, centralizado, planejado, burocratizado e totalitário, é fruto da modernidade e de seus impulsos irresistíveis para a mudança.

Em síntese, o princípio da mobilidade provoca mudança pela mudança, não definitiva e nem sempre para o melhor e, talvez, mudança demais. Pois, povos e pessoas tradicionais e passivos ficam à sombra das mutações criativas, originais e tecnológicas: sobram os pobres. Bem como, no fenômeno da mobilidade, o homem pode perder o controle da modernidade e viver apenas o moderno e suas novidades.

b) Descontinuidade

O princípio da mobilidade provoca, necessariamente, a descontinuidade, como base do mundo moderno, que aparece no comportamento, no modo de pensar, na forma de representar, nos simbolismos, no imaginário. É a superação da continuidade, fundamentada na natureza como critério orientativo da vida humana, para a descontinuidade, fundamentada nos desejos do próprio homem e suas mudanças. É a passagem do pensamento sintético para o analítico: o indivisível é fracionado em partes, que atinge todas as formas do comportamento humano e a sua produção criativa.

c) Cientificismo

Outro traço da modernidade é a fetichização da ciência e o funcionalismo. A ciência e a tecnologia aparecem como o grande mito moderno, que transformam tudo e se identificam com todas as formas da verdade. O moderno vive o cientificismo e a modernidade pensa a ciência como verdade absoluta. Conseqüentemente, a partir do cientificismo moderno se desenvolvem técnicas para tudo. Técnicas profissionais em favor do bem-estar e do desenvolvimento. E também técnicas que favorecem as fraudes, os seqüestros, os

roubos sofisticados, os assaltos e tantas outras formas de violência e contravenção. É claro, a ciência e a tecnologia são boas quando servem à dignidade do homem e o seu bem-estar compartilhado. E são imorais quando favorecem a concentração do poder e quando usadas para fins ilegítimos.

d) Esteticismo

A modernidade, até certa forma, se identifica com o esteticismo da arte, com a união entre arte e indústria, arte e máquina, arte e técnica, que se expressa no moderno desenho industrial. Assim, o espírito moderno quer conciliar a produção artística com o produto industrial, desconsiderando seus universos distintos e opostos. Conseqüentemente, pintores, arquitetos, desenhistas passam a ser projetistas e consultores da arte nas indústrias: as aparências formais da arte se incorporam nos comerciais, na publicidade, nos projetos da moda, das máquinas, das edificações. Bem como, o esteticismo aparece em todas as manifestações da exaltação da beleza: concursos, combinação de cores, paisagismo urbano, praças amplas, jardins bem cuidados, avenidas largas, o cuidado com o corpo, com a beleza.

e) Representação

As linhas gerais da modernidade deságuam na predominância da representação sobre o real, a prevalência do imaginário sobre a realidade presente, a dominância dos projetos sobre o passado. Em nosso meio, as notícias sobre o andamento das novelas passam como acontecimentos verdadeiros. E os personagens figuram como pessoas reais, que assumem condutas reais e perdem a sua identidade pessoal para serem identificados com o personagem que representam. Conseqüentemente, as cenas montadas passam a representar a sociedade real e os personagens se identificam com a vida real. Cria-se uma cultura da repre-

sentação, em que a arte de representar torna-se determinante em face da opinião pública, para revelar o imaginário. E o êxito da representação está na capacidade de representar o imaginário que o ouvinte deseja e sonha: no caso específico, o êxito dos pastores de seitas, políticos de votação massiva, atores de renome, estrelas dos esportes.

f) Ecologismo

Um marco significativo do avanço da modernidade como reflexão crítica, original e criativa que atinge o comportamento moderno é a questão ecológica. Ao longo dos anos, a ecologia era uma ação restrita aos ecologistas preocupados com a vida e um modo de vida inspirado por Francisco de Assis. A modernidade, com o seu espírito reflexivo e criativo, incorporou a ecologia ao mundo moderno, gerando, assim, o ecologismo, com suas múltiplas faces, por vezes, confundindo a defesa ampla e plena da vida com interesses políticos e ideológicos, comerciais e industriais. Hoje, os programas políticos, as indústrias, os comerciais vinculam a questão ecológica aos seus interesses e vantagens. Assim, ser ecologista do ecologismo é garantir um bom emprego nas indústrias, nos comerciais e nos poderes públicos. Abre-se, assim, a vantajosa profissão ecológica: executivos verdes e gerentes de controle ambiental.

CONCLUSÃO

Aos poucos aflora a consciência de um outro modo de vida, onde a saúde física, o equilíbrio emocional, a amizade familiar, a convivência pacífica, o ambiente natural, os bens necessários, a moralidade ampla, os valores de vida são considerados prioritários e mais importantes do que o bem-estar criado pela modernidade e vivi-

do pelo mundo moderno. As perspectivas, os desejos e os sonhos apontam para a primazia da vida digna, boa e saudável e um mundo socialmente habitável para todos.

Contudo, na consciência do Terceiro Mundo aflora ainda o sonho de vencer na cidade grande, como única alternativa: facilidade de acesso à escola, melhores possibilidades de trabalho, melhor acesso à saúde e engajamento político. Ao mesmo tempo, a realidade mostra a outra face: a crescente criminalidade, desemprego programado, perda das culturas originais, desaparecimento da identidade, empobrecimento generalizado, crise nos setores essenciais (educação, saúde, transporte, saneamento básico, habitação, lazer). E o que é pior, no interior, a vida está sem perspectivas e nos conglomerado urbanos, a vida digna é impossível. Sobram as ilusões, os sonhos, a violência, os conflitos.

Ao mesmo tempo, as elites políticas, empresariais e os MCS, em nível mundial e nacional, em nome da modernidade e da modernização, geram ilusões sempre maiores e produzem desnecessidades consumistas para preencher o vazio social, existencial e moral. Especialmente no Terceiro Mundo, a modernização é avassaladora. O que conta são os mecanismos de mercado, a competitividade, a teoria da dependência, a produção lucrativa, a concentração de bens produzidos.

Esse síntese, o projeto da modernidade avança nas conquistas das ciências e da tecnologia concomitante com o avanço aos desejos de vida boa para o homem no mundo. Ao mesmo tempo, uma sociedade nova e autônoma passa, necessariamente, pelo avanço das conquistas do conhecimento humano, pelo avanço das ciências em favor do homem, pelo avanço da qualidade de vida plena para todos e pelo respeito fraterno à natureza.



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de março de 1994

A Palavra de Deus é a fonte primordial da **espiritualidade, isto é, do agir humano vivificado pelo Espírito**, porque gera, irriga, mantém e renova a fé. O objeto da fé é sempre a Palavra de Deus. E a fé que de nós postula a Vida Religiosa põe em relevo esta verdade. Sem a fé a Vida Religiosa é uma via de acesso a obstáculos sempre maiores até o momento em que se perdem de vista todos os horizontes. É o naufrágio. Sem a fé, a Vida Religiosa é uma charada simplesmente indecifrável. Para quem crê, porém, ela se parece com um jogo de xadrez. É difícil. É empenhativa. Mas não insolúvel. É fascinante. Seu destino pode ser uma grandiosa epopéia. Frente, pois, à **Palavra de Deus que gera, irriga, mantém e renova a fé**, crer naquilo que se lê. E ler para ampliar aquilo que se crê. Traço definidor do discípulo que segue Jesus para continuá-lo é a assiduidade na escuta desta Palavra.

— *De madrugada, estando ainda escuro, Jesus se levantou e retirou-se para um lugar DESERTO. E ali orava, Mc 1, 35.*

Lugar deserto, o lugar onde ninguém está. Só você e Deus. Lugar simbólico porque estabelece e cria relação, correspondência, convergência. Lugar de encontro e de afastamento. Lugar de luta desmedida. Ninguém se aproxima da pessoa de Jesus se não levar a sério esta constante de sua vida: a procura freqüente da solidão. **A percepção e o sentimento da solidão já é uma aragem de Deus.** É o ritmo próprio para o seu encontro. No deserto, no silêncio, evidencia-se a fonte de que se abastece a alma. Mas, quão vazio é o nosso abismo se não for Deus quem se constitui em fonte de nossa solidão. Saber estar só. Aprender a estar só. Precisar sentir sempre gente ao redor, precisar viver sempre 'enturmado', torna a pessoa insegura e pode revelar insuficiente grau de maturidade humana e espiritual, um estado de espírito estéril.

— *Vinde vós, sozinhos, a um lugar DESERTO e descansai um pouco. E foram de barco a um lugar deserto, afastado, Mc 6, 31-32.*

Deserto: parte do itinerário espiritual de cada um. Lugar tanto de provação como de renovação e de preparação para uma entrega a Deus. Disponibilidade para se deixar conduzir pelo Espírito de Deus. Lugar para dar a Deus a glória de seus milagres e para renovar em profundidade a escolha feita uma vez por todas. Amadurecimento das próprias opções.

Deserto: terra estéril e desolada. Lugar transitório. Urge caminhar. Passar. Ir em frente. Por suas características inóspitas, sublinha a fragilidade humana. Lugar onde o homem não pode sobreviver. Não pode subsistir. É impotente. Sua força e seu amparo estão só em Deus. Lugar, portanto, de experiência de aliança com Deus cujo poder tudo vivifica. Pacto mútuo de amor e fidelidade, de compromisso e comprometimento, vínculos escritos no coração.

— *Eu me lembro do amor de tua juventude, do caminho do tempo de noivado, quando me seguias pelo DESERTO, por uma terra não cultivada, Jr 2, 2.*

Um dia de DESERTO no Retiro ou fora dele significa: um tempo de ensaio, uma tentativa cheia de confiança para pedir a Deus que venha em nosso socorro. **Uma espera paciente e silenciosa pelo socorro de Deus.** É o tempo para despertar necessidades essenciais, abandonar as fictícias, extinguir desejos inúteis, repelir ídolos, relativizar valores, desmascarar demônios camuflados em deuses. Nosso mundo está cheio de aspirantes ao lugar de Deus. O deserto deixa profunda marca na alma. Experimenta-se quem é Deus e o de que ele é capaz. A intimidade com Deus é o único estímulo para buscar e amar a solidão do deserto.

A história da espiritualidade vê no deserto, no silêncio, a sua grande lei. A serenidade, a paz de espírito, a busca de si mesmo naquilo que é substancial, a unificação interior, a alegria de viver, a percepção da necessidade de maior interioridade contra certas formas de ativismo, uma maior autenticidade religiosa na dedicação apostólica, o reconhecimento do primado da intervenção divina no princípio e no desenvolvimento da vida cristã, atitudes interiores fundamentais como escuta, louvor, acolhida, comunhão, tudo isto passa pelos caminhos do deserto, pelos caminhos do silêncio, da solidão. Tudo isto brota desta recôndita nascente. Um compromisso com o DESERTO, com o silêncio que ele simboliza, é o primeiro passo para encontrar a paz, para encontrar as próprias raízes. A raiz é sempre silenciosa

Quem sou eu? Donde venho? Para onde vou? Indagações que sobem das profundezas do silêncio que fala de Deus e do sentido último da criatura humana.

Desejando-lhe toda **PAZ** e todo **BEM**, com fraterna amizade e renovada estima, subscrevo-me,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB

Redator-Responsável/Convergência